



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

JOSEPH BEZERRA DO NASCIMENTO

REFRAÇÕES DA ICONOGRAFIA CRISTÃ EM CORPOS SUBALTERNIZADOS:
tensões entre palavra autoritária e palavra dialógica

Recife

2023

JOSEPH BEZERRA DO NASCIMENTO

**REFRAÇÕES DA ICONOGRAFIA CRISTÃ EM CORPOS SUBALTERNIZADOS:
tensões entre palavra autoritária e palavra dialógica**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras. Área de concentração: Linguística.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Sônia Virgínia Martins Pereira

Recife

2023

Catálogo na fonte
Bibliotecária Lillian Lima de Siqueira Melo – CRB-4/1425

N244r Nascimento, Joseph Bezerra do
Refrações da iconografia cristã em corpos subalternizados: tensões entre palavra autoritária e palavra dialógica/ Joseph Bezerra do Nascimento. – Recife, 2023.
87f.:il.

Sob orientação de Sônia Virgínia Martins Pereira.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Letras, 2023.

Inclui referências.

1. Linguística. 2. Iconografia cristã. 3. Corpos subalternizados. 4. Palavra autoritária. 5. Palavra dialógica. I. Pereira, Sônia Virgínia Martins (Orientação). II. Título.

809 CDD (22. ed.) UFPE (CAC 2023-64)

JOSEPH BEZERRA DO NASCIMENTO

**REFRAÇÕES DA ICONOGRAFIA CRISTÃ EM CORPOS SUBALTERNIZADOS:
tensões entre palavra autoritária e palavra dialógica**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras. Área de Concentração: Linguística.

Aprovado em: 09/03/2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Sônia Virgínia Martins Pereira (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

Prof.^a Dr.^a Siane Gois Cavalcanti Rodrigues (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

Prof. Dr. Pedro Farias Francelino (Examinador Externo)
Universidade Federal da Paraíba – UFPB

Aos meus avós Hilda Pontes Bezerra e José Bezerra da Silva (*in memoriam*)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao universo e às forças divinas que me permitiram ingressar ao PPGL da UFPE, um sonho quase inimaginável.

Sou extremamente grato à Universidade Federal do Pernambuco – UFPE, assim como ao Programa de Pós-graduação em Letras dessa mesma universidade, por acreditarem que meus interesses no projeto de mestrado seriam possíveis.

À minha orientadora, Sônia Virgínia Martins Pereira, que me direcionou da melhor forma possível, que me encorajou a continuar e que não desistiu de mim. Gratidão!

Às professoras Fernanda Correa Silveira Galli e Fabiele Stockmans de Nardi, por terem me ensinado tanto sobre a academia, sobre ser um profissional cujo valor primordial é a compreensão da educação como meio de libertação, só tenho a agradecer por todo conhecimento emprestado, por todo carinho e atenção que recebi.

À banca examinadora, nas pessoas de Siane Gois Cavalcanti Rodrigues e Pedro Farias Francelino por terem aceitado o convite para realizarem as observações e dedicarem seus preciosos tempos na leitura deste trabalho. Muito obrigado!

À Luana Pinheiro, amiga de uma vida inteira, por seu inestimável apoio e incentivo, os quais foram fundamentais para alcançar este resultado. Obrigado pela sua dedicação e contribuição valiosa. Eu amo muito você!

À minha orientadora da graduação, Cláudia Rejanne Pinheiro Grangeiro, sem ela, o tema deste trabalho jamais teria germinado em minha mente. Amo você, Cláudia!

Agradeço a minha mãe, Fabíola Bezerra, que, com toda dificuldade em sustentar a família, nunca deixou de lado seu apoio aos meus estudos, que me criou com afeto, responsabilidade e amor, amo você imensamente, mãe!

Agradeço ao meu pai, Hildomar Nascimento, que mesmo distante, sempre acreditou em mim e sempre deixou claro o orgulho que sentia do seu filho.

A minha irmã, Alana, que eu amo desmedidamente e que sempre me ajudou quando pôde.

Ao meu sobrinho, Sauan, que me trouxe alegria nos momentos mais difíceis.

À Aline, uma grande amiga que o mundo me deu e que foi peça fundamental para meu crescimento pessoal e profissional. Gratidão, Aline, amo você!

Aos meus amigos da vida, Alisson, Hyago, Jamilly, Kaline, Lara, Letícia, Marcelo e Matheus, vocês foram fundamentais para o andamento desse trabalho, com todo apoio, conselho e afeto. Amo muito vocês!

Aos meus amigos do *cronotopo pandêmico*, Thiago e Mailson, sem vocês, esse percurso não teria a mesma cor: viva, linda e vibrante. Vocês foram a luz que eu precisava para continuar e acreditar que eu era capaz. Obrigado por todos os momentos incríveis e por toda a energia positiva que vocês depositaram em mim. Eu amo muito vocês!

Aos colegas e amigos do mestrado Rodrigo e Jamillys, a quem tenho profundo carinho e admiração, o sentimento é de gratidão por tantas conversas maravilhosas e por tanto apoio.

A Wanderson, que não poderia deixar de constar nesses agradecimentos, por anos de companheirismo e por ter sido tão valioso pra mim. Obrigado por tudo, jamais esquecerei tanto carinho e cuidado.

Agradeço a Eliseu, que, por muitas vezes, me recepcionou tão bem em sua casa para que eu pudesse escrever com tranquilidade, por ter sido um companheiro tão prestativo, cuidadoso e importante para o meu crescimento.

À Eliane e Angélica, duas amigas que me ajudaram muito nesse processo de escrita, que me apoiaram e me encorajaram de diversas formas, o sentimento de gratidão é eterno. Eu amo muito vocês!

Aos amigos de profissão André, Livia, Ricardo, Gabriel, Paula e Jéssica, trabalhar ao lado de vocês foi/é uma das coisas que mais me trouxe felicidades nesse ano tão difícil. Gratidão!

A verdade vos fará livre

Eu sou da estação primeira de Nazaré
Rosto negro, sangue índio, corpo de mulher
Moleque pelintra no buraco quente
Meu nome é Jesus da gente

Nasci de peito aberto, de punho cerrado
Meu pai carpinteiro desempregado
Minha mãe é Maria das dores Brasil
Enxugo o suor de quem desce e sobe ladeira
Me encontro no amor que não encontra fronteira
Procura por mim nas fileiras contra a opressão

E no olhar da porta-bandeira pro seu pavilhão

Eu tô que tô dependurado
Em cordéis e corcovados
Mas será que todo povo entendeu o meu recado?
Porque de novo cravejaram o meu corpo
Os profetas da intolerância
Sem saber que a esperança
Brilha mais na escuridão

Favela, pega a visão
Não tem futuro sem partilha
Nem messias de arma na mão

Favela, pega a visão
Eu faço fé na minha gente
Que é semente do seu chão

Do céu deu pra ouvir
O desabafo sincopado da cidade
Quarei tambor, da cruz fiz esplendor
E ressurgi no cordão da liberdade

Mangueira
Samba, teu samba é uma reza
Pela força que ele tem
Mangueira
Vão te inventar mil pecados
Mas eu estou do seu lado
E do lado do samba também
(MANGUEIRA, 2020, n. p.).

RESUMO

Esta pesquisa tem o objetivo de investigar as refrações dos discursos cristãos, especificamente, da iconografia cristã, a partir dos sujeitos subalternizados, assim como os discursos responsivos a tais refrações; logo, colocaremos em questão o duelo entre palavra dialógica x palavra autoritária. Fundamentamo-nos à luz da análise dialógica do discurso, em seus conceitos de alteridade, dialogismo, discurso e enunciado delineados pelo Círculo, na figura de Bakhtin (1999; 2000; 2002) e Volochínov (2018); assim como traçaremos um diálogo entre Foucault (1995; 1999; 2008; 2009; 2013) e Bakhtin (1997;1999), a partir das noções de corpo, poder, enunciado e discurso. Desse modo, notamos um referencial teórico dividido em dois tomos: Análise Dialógica do Discurso (ADD) e dos conceitos advindos do pensamento foucaultiano. O material discursivo selecionado para a construção do *corpus* de análise se bifurcou em dois processos interpretativos, que se coadunam com o tipo de pesquisa desenvolvida: a) os enunciados que refratam a figuração cristã por vozes subalternizadas; b) os atos responsivos dessas refrações — a fim de atingir a abordagem qualitativa que norteou a análise, orientada pelos conceitos-categorias já expostos. O *corpus* construído, submetido ao processo analítico, emergiu de dois eventos discursivos: a) a performance da travesti crucificada na parada LGBT de São Paulo, em 2015; b) o desfile da escola de samba Mangueira, em 2020, que tematiza a figuração de iconografias cristãs sob o olhar das vozes subalternizadas. Os atos responsivos e réplicas a esses discursos são descritos a partir das vozes representantes dos campos político e religioso, a exemplo do General Luiz Eduardo Ramos, do ex-presidente Jair Bolsonaro, da ex-ministra Damares Alves e do pastor e Deputado Federal Marcos Feliciano. Desse modo, colocamos em questão os embates discursivos em torno da imagem de Cristo, a legitimidade das vozes resistentes à palavra autoritária, e os efeitos de sentido oriundos desses posicionamentos aqui destacados.

Palavras-chave: iconografia cristã; corpos subalternizados; palavra autoritária; palavra dialógica.

ABSTRACT

This research aims to investigate the refractions of Christian discourses, specifically Christian iconography, from the perspective of subaltern bodies, as well as the responsive discourses to such refractions. Thus, we will question the duel between dialogic word vs. authoritarian word. We are based on the dialogic analysis of discourse, in its concepts of alterity, dialogism, discourse, and utterance outlined by the Bakhtin Circle (1999; 2000; 2002) and Volochínov (2018), as well as tracing a dialogue between Foucault (1995; 1999; 2008; 2009; 2013) and Bakhtin (1997; 1999), based on the notions of body, power, utterance, and discourse. In this way, we have a theoretical framework divided into two volumes: Dialogic Analysis of Discourse (ADD) and concepts from Foucauldian thought. The discourse material selected for the construction of the analysis corpus split into two interpretive processes that align with the type of research being conducted: a) the utterances that refract Christian imagery by subaltern voices; b) the responsive acts to these refractions - in order to reach the qualitative approach that guided the analysis, guided by the concepts-categories already exposed. The corpus built, submitted to the analytical process, emerged from two discursive events: a) the performance of the crucified transvestite in the São Paulo LGBT parade in 2015; b) the parade of the Mangueira samba school in 2020, which themes the representation of Christian iconography under the gaze of subaltern voices. The responsive acts and replies to these discourses are described from the voices of representatives of the political and religious fields, such as General Luiz Eduardo Ramos, former President Jair Bolsonaro, former Minister Damare Alves and pastor and Federal Deputy Marcos Feliciano. Thus, we question the discursive struggles around the image of Christ, the legitimacy of voices resistant to the authoritarian word, and the meaning effects from these positions highlighted here.

Keywords: Christian iconography; subaltern bodies; dialogic word; authoritative word.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 1 – Atriz Viviany Beleboni em ato contra a homofobia na 19ª Parada do Orgulho LGBT na Avenida Paulista..... | 61 |
| Figura 2 – Simulacro da crucificação de um jovem negro realizado pela escola de samba Mangueira..... | 69 |
| Figura 3 – Ala: “Bandido bom é bandido morto”..... | 72 |
| Figura 4 – “Evelyn Bastos, rainha da Mangueira, vira à frente da bateria como uma representação de Cristo” ¹ | 74 |
| Figura 5 – “Comissão de frente da Mangueira mostrou Jesus em baile funk e sendo agredido pela polícia” ² | 75 |
| Figura 6 – Postagem do pastor Marcos Feliciano sobre a performance de Viviany Beleboni em ato contra a homofobia na 19ª Parada do Orgulho LGBT na Avenida Paulista..... | 77 |
| Figura 7 – Postagem do General Luiz Ramos no twitter sobre o desfile da Mangueira..... | 80 |

¹ <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/carnaval/2020/noticia/2020/02/24/mangueira-busca-bicampeonato-com-releitura-critica-da-vida-de-um-jesus-cristo-nascido-no-morro.ghtml>

² <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/carnaval/2020/noticia/2020/02/24/mangueira-busca-bicampeonato-com-releitura-critica-da-vida-de-um-jesus-cristo-nascido-no-morro.ghtml>

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|-----|-----------------------------------|
| ADD | Análise Dialógica do Discurso |
| AD | Análise de Discurso |
| ACD | Análise Crítica do Discurso |
| MFL | Marxismo e Filosofia da Linguagem |
| PSC | Partido Social Cristão |

SUMÁRIO

| | | |
|----------|--|----|
| 1 | INTRODUÇÃO | 13 |
| 2 | A LÍNGUA(GEM) E OS DISCURSOS NAS TEIAS DA ALTERIDADE | 19 |
| 2.1 | PALAVRA DIALÓGICA X PALAVRA AUTORITÁRIA | 28 |
| 2.2 | A DOMINAÇÃO E AS VOZES RESISTENTES | 30 |
| 3 | CORPO, IMAGEM E SENTIDO: AS CONSTRUÇÕES E OS EFEITOS DOS ENUNCIADOS CONCRETOS E ATOS ENUNCIATIVOS | 34 |
| 3.1 | O CORPO EM BAKHTIN E FOUCAULT | 35 |
| 3.2 | OS ENUNCIADOS EM FOUCAULT E BAKHTIN | 43 |
| 4 | A ICONOGRAFIA CRISTÃ SOB O OLHAR DAS VOZES SUBALTERNIZADAS | 51 |
| 4.1 | A ICONOGRAFIA CRISTÃ..... | 53 |
| 4.2 | OS SUBALTERNIZADOS | 56 |
| 4.3 | A PERFORMANCE DA MULHER TRANS CRUCIFICADA | 57 |
| 4.4 | O DESFILE DA MANGUEIRA E A CRUCIFICAÇÃO DO JESUS NEGRO ... | 67 |
| 4.5 | OS EFEITOS DE SENTIDOS E OS ATOS RESPONSIVOS..... | 75 |
| 5 | CONCLUSÕES | 82 |
| | REFERÊNCIAS | 85 |

1 INTRODUÇÃO

No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.

João 1:1

No ano de 2016, uma notícia propaga-se com atenção nas redes sociais: a encenação da crucificação de Jesus Cristo, em um trio elétrico, feita pela atriz Viviany Belebony, durante a parada LGBT³ de São Paulo. O título dizia: “Transexual é intimada a depor por ‘crucificação’ em parada Gay de 2015.”⁴ A matéria dizia ainda no subtítulo que: “Associação das Igrejas Evangélicas move ação contra Viviany Belebony. Atriz ganhou notoriedade depois de desfilarem ‘crucificada’ em evento”. A defesa da Viviany, materializada pela fala de sua advogada, dizia: “Não houve ato criminoso, não houve escárnio, não houve repúdio a atos religiosos, houve encenação onde ela manifestou em uma representação, as mortes e a violência contra o movimento LGBT”, afirmou ao site G1 na referida matéria. No texto, há também um vídeo que, segundo o site, foi postado no Facebook da atriz, em que ela afirma e mostra, através das imagens e som, que foi espancada logo após a parada LGBT em São Paulo, no ano de 2015.

A imagem que tanto fez sucesso nas redes sociais, e que foi responsável por uma ação judicial da associação das igrejas evangélicas, foi a encenação que uma mulher transexual fez da crucificação de Jesus Cristo. A atriz subiu em um trio elétrico na parada LGBT de São Paulo e refratou a imagem clássica da crucificação de Cristo. Atitude esta que causou bastante polêmica nas redes sociais e dividiu opiniões sobre o direito de uso da imagem de Cristo por pessoas LGBT’s.

Já no ano de 2020, em 23 de fevereiro, no Rio de Janeiro, a escola de samba Mangueira abordou a história de Jesus Cristo contada através de corpos marginalizados. A apresentação intitulada “A Verdade Vos Fará Livre”, orquestrada por e de autoria do figurinista e carnavalesco Leandro Vieira, levou à passarela representações figurativas de mulheres, jovens negros e LGBT’S. No entanto, a imagem que circulou nos perfis das redes sociais de várias pessoas foi a cena de Jesus Cristo sofrendo busca pessoal da polícia e a de uma estátua de mais de 20 metros de um jovem negro, com cabelo platinado, tatuagem de cruz no pescoço, crivado de balas e crucificado em analogia à imagem de Cristo.

³ A Sigla LGBT - Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transsexuais é usado sem atualização no texto devido ao nome dado à parada em São Paulo.

⁴ Disponível em: <https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/06/transexual-e-intimada-depor-por-crucificacao-em-parada-gay-de-2015.html>

Desse evento discursivo, apontamos quatro imagens para o exercício analítico da pesquisa: a imagem do carro denominado Calvário, pela escola de samba Mangueira, que se constitui de uma figura de um jovem negro crucificado; uma imagem que representa a ala “bandido bom é bandido morto”; a fotografia da rainha de bateria Evelyn Bastos, refratando Jesus Cristo, a partir do seu lugar valorativo, enquanto mulher e negra; e a imagem da ala da comissão de frente denominada “Jesus da gente”, que refrata a ideia de um Jesus Cristo dos tempos modernos submetido às forças de dominação e violência do sistema de vigilância social, a polícia.

Os dois atos enunciativos têm obtido grande relevância nos meios de comunicação, especialmente nas redes sociais, e têm sido respondidos com discursos conflitantes, resultando em uma violência discursiva que se manifesta em representações políticas, religiosas e em uma minoria da mídia televisiva. Neste trabalho, nosso papel é compreender os efeitos de sentido dos atos enunciativos mencionados anteriormente, bem como seus discursos-resposta. Ao evidenciar os fios dialógicos dos atos responsivos que "justificam" os discursos colidentes, pretendemos identificar os discursos velados, ou seja, não ditos, que contribuem para a construção de um sentido histórico e que são fundamentais para a compreensão dos sentidos desses embates. Com isso, pretendemos desvelar esses dizeres históricos, que estão adormecidos ou escondidos, e que constituem, portanto, os sentidos desse embate, como quem desfia um novelo de lã.

A motivação para pesquisar esses atos enunciativos surgiu da inquietação em relação aos efeitos de sentido conflitantes que foram difundidos e propagados na mídia, tanto virtual quanto televisiva, em relação a esses atos. Ao entrar em contato com as opiniões do senso comum⁵, observamos posições axiológicas dissidentes que não chegam a um consenso. Isso ocorreu porque figuras de grande visibilidade social utilizaram sua posição de destaque para centralizar um discurso de negação dos eventos enunciativos que retratam a iconografia cristã sob uma perspectiva identitária e social.

Podemos questionar como as instituições midiáticas, religiosas e familiares lidam e reagem às vozes dialógicas que são exercidas em praça pública. Por que os corpos performáticos, especialmente aqueles que trazem de volta adereços e iconografias cristãs, causam efeitos de sentido transgressores? E como podemos explicar as relações dialógicas

⁵ Utilizamos o termo "senso comum" para descrever os comentários de cidadãos em resposta aos atos enunciativos que serão analisados neste trabalho: a performance da travesti crucificada e as representações de iconografia cristã feitas pela escola de samba Mangueira. Esses comentários serão abordados na seção 4, intitulada "A iconografia cristã sob o olhar das vozes subalternizadas", mais especificamente no item 4.5, que trata dos efeitos de sentido e dos atos responsivos.

desses discursos na perspectiva dos acabamentos estéticos dados pelas vozes de contraste político? Como os discursos de alteridade são trabalhados nesta rede semiótica de atos valorativos? Essas são perguntas que serão abordadas ao longo da análise do trabalho.

Dessa forma, levantamos questões sobre as problemáticas que envolvem as refrações dos corpos, suas condições de existência e funcionamento em relação ao outro. Para tanto, uma leitura orientada pelas relações de poder de Foucault (2008) e pelo lugar valorativo de Bakhtin (2000) e Volóchinov (2018) em torno da linguagem nos auxiliou a compreender os sujeitos de maneira geral. Nessa perspectiva, analisamos o processo de subjetivação da imagem da crucificação de Jesus Cristo performada pela travesti na Parada LGBT de São Paulo em 2015 e das representações da iconografia cristã feitas pela escola de samba Mangueira em seu desfile em 2020. Ademais, é fundamental identificar os elementos verbo-visuais que constroem os discursos das materialidades enunciativas abordadas, a fim de elucidar seus efeitos de sentidos e compreender seus processos subjetivos.

Além disso, o ato responsivo dos grupos hegemônicos em resposta aos subalternizados permite explorar sujeitos que se colocam como soldados em uma guerra pelo sentido, seguindo seus líderes e acatando qualquer posicionamento que venha deles. Dentro dessas relações de poder, os detentores do discurso religioso possuem privilégios, já que enraízam suas posições e atraem uma massa que os segue como um exército de julgadores, enriquecendo-os economicamente e concedendo poder para que se perpetuem ainda mais. Esses grupos não interpretam equivocadamente os discursos dos grupos dominados, mas intencionalmente, com o objetivo de guerrear o outro para desqualificá-los e deteriorar qualquer chance de sucesso dos discursos de resistência. Nesse confronto, a intencionalidade se faz necessária para se ter domínio sobre as determinações de sentido. É a legitimidade de dizer algo sobre alguma coisa, construída a partir dos pilares de uma base apologética. No processo, o interlocutor reconhece a legitimidade do enunciador e se identifica com o discurso em enunciação, uma vez que há uso exagerado de adereços que tanto o enunciador quanto o interlocutor compreendem que pertencem a eles.

Os enunciadores são representados por diversas vozes sociais: i) os sujeitos compreendidos como transgressores, que usam símbolos religiosos para discursivizar o tratamento dado aos seus corpos; ii) os que já se encontram em posições hegemônicas e pretendem permanecer nelas, travando uma disputa de sentidos contra os primeiros enunciadores aqui citados.

Os funcionamentos discursivos nos mostram o quanto é importante a compreensão da arena de conflito existente entre as diferentes classes sociais. Embora esse conflito possa ser facilmente identificado por alguns, para a maioria é difícil não só elucidá-lo, mas também

localizar sua existência. É fundamental a explanação desse conflito para que os sujeitos possam adotar posições críticas e reflexivas sobre a maneira como suas opiniões são formadas e compreender seus processos subjetivos. Dessa forma, evita-se a prática ou reprodução de discursos de ódio sem uma leitura justa e atenciosa dos objetos julgados.

Entender as relações de poder que permeiam as interações sociais é essencial para compreendermos a formação dos discursos e suas consequências na sociedade. Assim, torna-se possível a criação de espaços de diálogo e tolerância, que possibilitem a coexistência pacífica de diferentes grupos e a valorização das diferenças.

Para alcançar um espaço teórico que nos ajude a compreender os problemas aqui apresentados, recorreremos à Análise Dialógica do Discurso (ADD), uma vez que essa disciplina nos permite compreender a arquitetura dos sentidos na linguagem, considerando sujeitos e discursos. Além disso, a ADD nos auxilia a compreender a constituição das (inter)subjetividades e os confrontos entre a palavra monológica/autoritária e a palavra dialógica/responsiva, especialmente quando se trata da palavra religiosa revestida de autoritarismo. Nossa base teórica se apoia em pensadores e pensadoras que compõem os postulados dialógicos, tais como Bakhtin (1999; 2000; 2002), Volóchinov (2018), Faraco (2009) e Brait (1997; 2005; 2013). Além disso, buscamos embasamento nas teorias que exploram a maneira como o sujeito é constituído, sobretudo a partir da perspectiva de Foucault (1995; 1999; 2008; 2009; 2013).

A escolha dos *corpora* que constituem o conjunto de documentos foi subdividida em categorias distintas dentro do processo analítico. Primeiramente, classificamos os enunciados em categorias verbais e verbo-visuais, nas quais suas funcionalidades estão inscritas em uma rede interativa de significações e posicionamentos díspares. Esses enunciados, por sua vez, posicionam-se em uma arena de embate, na qual o aprisionamento do sentido se torna o principal interesse dessa disputa.

A primeira categoria refere-se aos atos enunciativos que delineiam refrações cristãs em corpos subalternizados. A segunda categoria é constituída pelo material enunciativo de recepção dessas performances, ou seja, pelos discursos dissidentes daqueles atos enunciativos, proferidos por figuras proeminentes do cenário político e religioso brasileiro, como o General Luiz Eduardo Ramos, que, na época, ocupava o cargo de ministro-chefe da Secretaria de Governo; o ex-presidente da República, Jair Bolsonaro; Damares Alves, que ocupava o cargo no Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos; e o pastor e Deputado Federal Marcos Feliciano.

Em relação à temática central que possibilitou os atos enunciativos ocorrerem, trata-se do resgate da imagem de Jesus Cristo. Por isso, é importante realizar um levantamento histórico que contextualize essa imagem e permita uma compreensão mais aprofundada do assunto. Nesse sentido, o método analítico adotado nesta pesquisa baseia-se em uma leitura histórica de discursos que foram transmitidos por gerações e que contribuíram para a construção de sentidos valorativos em torno da figura de Cristo.

Além disso, existe um processo qualitativo que requer interpretações e exposições de linguagens verbais e visuais como método contínuo para o desenvolvimento do trabalho de pesquisa. Para isso, a pesquisa será dividida em duas etapas: coleta bibliográfica de postulados teóricos e levantamento qualitativo do material linguístico e visual. Em seguida, o cotejo dos postulados teóricos — apoiado pelos pensadores da vertente dialógica do discurso, assim como do pensamento foucaultiano — com os materiais linguísticos apresentados ajudou a compreender melhor os efeitos de sentidos de ambos os discursos, sejam os transgressores, sejam os colidentes. Com base nisso, trabalhamos com conceitos de enunciados, discurso, dialogismo, alteridade, corpo e subalternidades, que foram aplicados aos materiais linguísticos da performance da travesti crucificada, bem como ao ato-evento do desfile da escola de samba Mangueira. Inicialmente, dedicamo-nos a compreender os conceitos e, na última seção, aplicá-los nas materialidades propostas. Examinaremos, agora, brevemente as seções.

O trabalho é dividido em três partes, cuja união se faz indispensável para a compreensão da pesquisa de forma horizontal. Na segunda seção, intitulada "A língua(gem) e os discursos nas teias da alteridade", iniciamos um percurso através do entendimento sobre a ciência da linguagem. Procuramos desenvolver uma percepção da linguagem a partir do processo de alteridade, ou seja, a linguagem se constitui a partir do outro, das relações dialógicas. Este caminho teve início na explicitação da abordagem saussuriana até os estudos discursivos, percorrendo o valor da ciência da linguagem e seus encaminhamentos históricos. Ainda na mesma seção, subdividimos tópicos temáticos importantes para o interesse da pesquisa, reverberados pelo pensamento do Círculo bakhtiniano, como o tópico "2.1 Palavra dialógica X palavra autoritária". Além disso, debatemos no item "2.2 A dominação e as vozes resistentes" uma interdisciplinaridade entre os estudos do Círculo e a filosofia foucaultiana.

Na seção três "Corpo, imagem e sentido: as construções e os efeitos dos enunciados concretos e atos enunciativos", partilhamos da ideia de que o corpo também é discurso, assim como enunciado. O corpo se apresenta como uma tela, em que os discursos são inscritos, passando também, pelo processo de dialogicidade, ou seja, os discursos inscritos nos corpos, são discursos que dialogam com outros discursos, que não se constituem de maneira originária,

ou seja, primeira. A partir disso, compreendemos o conceito de corpo a partir de dois pensadores: Bakhtin e Foucault, expresso no subitem 3.1. Por conseguinte, trabalhamos com as definições de enunciado em Foucault e Bakhtin com intuito de apresentar possíveis convergências entre os pensadores e possíveis afastamentos.

Na seção quatro, por sua vez, denominada “A iconografia cristã sob o olhar das vozes subalternizadas” trazemos as materialidades que dão base ao trabalho, material que serviu de análise para o processo qualitativo da pesquisa. São a performance da travesti crucificada, o desfile da escola de samba Mangueira e seus respectivos atos responsivos — materializados por figuras públicas com visibilidade nacional. Esta seção consta com cinco subseções intituladas, respectivamente “4.1 A iconografia cristã” em que tratamos da imagem de Cristo, a partir de seu processo histórico; “4.2 Os sujeitos subalternizados” o qual se desenvolve em torno da elucidação que paira sobre o conceito de subalternidades; “4.3 A performance da mulher trans crucificada”, subseção na qual trouxemos a imagem da performance da travesti que encenou a crucificação na parada LGBT de São Paulo, sobre a qual é desenvolvida uma análise descritivista-interpretativista, sob abordagem qualitativa; a subseção “4.4 O desfile da Mangueira e a crucificação do Jesus negro”, em que trouxemos adereços usados no desfile, a exemplo do simulacro do Jesus Negro crivado de balas, que foi exposto na avenida em modo de estátua; da rainha de bateria Evelyn Bastos refratando Jesus Cristo a partir do seu lugar valorativo; da leitura de uma imagem que representa a ala “bandido bom é bandido morto”; da análise da fotografia da comissão de frente do desfile “Jesus da gente”. Por fim, a subseção “4.5 Os efeitos de sentido e os atos responsivos” em que abordamos os efeitos de sentido das performances anteriores, suas reverberações e suas problemáticas, a partir das falas de políticos como General Luiz Eduardo Ramos, ex-presidente Jair Bolsonaro, ex-ministra Damares Alves e do pastor e Deputado Federal Marcos Feliciano. Os efeitos conclusivos, que ambicionamos com a finalização do trabalho, dizem respeito à compreensão e entendimento de um embate polêmico que existe entre a palavra autoritária e palavra dialógica das vozes que constroem o tecido social. Além do mais, compreendemos como fundamental a elucidação dos dizeres adormecidos e/ou escondidos que constituem o pano de fundo desse embate, a exemplo das forças centrípetas — discursos oficiais das figuras políticas e religiosas — que usam dos lugares valorativos para centralizar e aprisionar os sentidos dos enunciados que fazem uso da iconografia cristã.

2 A LÍNGUA(GEM) E OS DISCURSOS NAS TEIAS DA ALTERIDADE

Não tenho álibi na existência: ser na vida significa agir – eu não posso não agir, eu não posso não ser participante da vida real. E essa obrigação decorre de eu ser único e ocupar um lugar único: ocupo no existir singular um lugar único, irrepetível, insubstituível e impenetrável da parte de um outro.

BAKHTIN

As noções de língua e de discurso que são compreendidas em meio às formulações de uma dimensão sócio-histórica têm contribuído bastante para o cenário das pesquisas linguísticas nos últimos tempos. Estes espaços, em diversos momentos, foram representados por estudos que pautavam seu objeto como estrutural e passível à análise fechada em si mesma. A língua, nessa perspectiva e em uma breve definição, é compreendida enquanto sistema autônomo que existe por si, independente de estímulos individuais.

Essas manifestações singulares do sujeito falante se direcionaram ao que Ferdinand de Saussure (1916) denominou de fala, categoria oposta ao que ele chamou de língua, não sendo aquela, portanto, interessante para simetria analítica, justamente por ser configurada enquanto múltipla e sem valor na produção de significações. Logo, a língua é compreendida enquanto agrupamento sistêmico que se organiza, apesar dos estímulos individuais, de forma independente. Essa abordagem científica sobre a compreensão de língua enquanto sistema foi importante não só para emoldurar a linguística enquanto ciência, mas também para possibilitar um corte epistemológico dentro da própria ciência da linguagem, uma vez que, no aprofundamento das questões, linguistas posteriores partiram desses preceitos e contribuíram para uma construção de novas perspectivas.

A Pragmática, por sua vez, destinada aos modos comunicativos, se desenvolve em virtude de as posições enunciativas — ou seja, os contextos, as intencionalidades — serem significativas para a compreensão do funcionamento da língua, pois os atos enunciativos constroem a base para sustentação do sentido, uma vez que, será na relação comunicativa entre falantes — locutores e interlocutores — de uma determinada língua, que o desempenho da língua se concretizará. Para compreendermos melhor esse perspectiva da linguística, recorreremos a Pinto (2011)

Haberland & Mey (1977), editores do *Journal of Pragmatics*, na primeira edição desse periódico, afirmam que a Pragmática analisa, de um lado, o uso concreto da linguagem, com vistas em seus usuários e usuárias, na prática linguística; e, de outro, estuda as condições que governam essa prática. Assim, em primeiro lugar, a

Pragmática pode ser apontada como a *ciência do uso linguístico* (PINTO, 2011, p. 47-48. grifos da autora).

Embora não seja possível homogeneizar o plano pragmático como uma corrente teórica fechada e delimitada, é possível destacar alguns nomes que contribuíram para essa vertente de maneira distinta. Segundo Pinto (2011), três correntes merecem destaque: a americana, liderada pelo semiótico William James; a corrente desenvolvida por J.L. Austin, que propôs teorias sobre os atos de fala; e os estudos comunicativos baseados em relações sociais, como gênero, classe e cultura.

Além do mais, podemos destacar outros estudos que contribuíram fortemente para a noção de língua, neste caso, definida como resultado das introduções dos fatores sociais e ideológicos, ou seja, de um lugar exterior à língua. Essa guinada aos estudos linguísticos provocou uma explosão de múltiplas análises e compreensões acerca do mesmo objeto. Esse agito ocorreu devido o olhar para os aspectos sociais e históricos que determinam a linguagem, ou seja, extralinguísticas, nas abordagens epistemológicas discursivas. Logo, a compreensão da língua e do discurso enquanto instâncias resultantes de relações sociais, em suas condições de produção, impulsionou a ciência linguística a um patamar outro, diferente das concepções anteriores vigentes.

Na França, por conseguinte, destacamos o filósofo-linguista Michel Pêcheux (1975) como um dos responsáveis por principiar uma disciplina denominada Análise de Discurso, compreendida como teoria de entremeio, a qual une o materialismo histórico, a psicanálise e a linguística como vertentes complementares para o processo analítico de objetos discursivos. Nessa esteira, o pensador francês se apropriou do conceito de Formação Discursiva oriundo do pensamento foucaultiano a fim de materializá-lo na epistemologia linguística. Segundo Courtine (2007), o conceito de Formação Discursiva surgiu a partir do interesse que Foucault tinha em questionar as condições históricas pelas quais os sistemas dos saberes são constituídos (COURTINE, 2007). A partir disso, Pêcheux extraiu o conceito de Formação Discursiva da Arqueologia do Saber e por isso a AD se apropriará submetendo-o a alguns elementos conceptuais. Tais elementos dizem respeito à crítica marxista que Pêcheux faz do conceito de FD advindo dos postulados foucaultianos.

Os estudos de Bakhtin e o Círculo, em meados dos anos 1920, obtiveram destaque nos estudos da linguagem, logo após suas críticas à linguística saussuriana, já que compreendem que a linguística apenas se completa se pensar o funcionamento da linguagem combinado aos elementos externos, e que tratar a linguística somente no plano das significações estruturais limitaria bastante o fenômeno analítico.

Em decorrência disso, compreendemos, também, a relação dialógica enquanto constitutiva no processo de acabamento dado ao enunciado. Além do mais, sua existência se justifica a partir de um plano extralinguístico, em que relações e lugares sociais são determinantes para a formação e dilatação dos sentidos desses discursos. Essa concepção foi compreendida enquanto uma disciplina a ser desenvolvida com mais rigor e foi denominada por Bakhtin de *metalinguística*. Segundo Bakhtin, "Toda vida da linguagem, seja ela qual for o seu campo de emprego (a linguagem cotidiana, a prática, a científica, a artística, etc.), está impregnada de relações dialógicas." (BAKHTIN, 2002 [1963], p.183). Essa disciplina se encarrega de compreender os processos constitutivos a partir da inscrição material, concreta e viva do discurso. Reitera ainda que "Essas relações se situam no campo do discurso, pois este é por natureza dialógico e, por isto, tais relações devem ser estudadas pela Metalinguística" (BAKHTIN, 2002 [1963], p. 183).

Brait, por sua vez, ao ler Bakhtin, corrobora com seu pensamento ao falar sobre a necessidade do meio social e o funcionamento da linguagem para melhor elucidação de uma teoria da linguagem nos postulados de Bakhtin. Nas palavras da pesquisadora brasileira

O enfrentamento bakhtiniano da linguagem leva em conta, portanto, as particularidades discursivas que apontam para contextos mais amplos, para um extralinguístico aí incluído. O trabalho metodológico, analítico e interpretativo com textos/discursos se dá — como se pode observar nessa proposta de criação de uma nova disciplina, ou conjunto de disciplinas —, herdando da Linguística a possibilidade de esmiuçar campos semânticos, descrever e analisar micro e macro organizações sintáticas, reconhecer, recuperar e interpretar marcas e articulações enunciativas que caracterizam o(s) discurso(s) e indicam sua heterogeneidade constitutiva, assim como as dos sujeitos aí instalados. (BRAIT, 2008, p. 13-14).

A partir do que diz Brait, confirmamos a postura teórica de Bakhtin e outros pensadores do Círculo em relação à pertinência da exterioridade constitutiva do enunciado, para o trabalho analítico, uma vez que todo enunciado, mesmo com sua particularidade e singularidade se faz na inserção do meio social ao qual está inserido. Por isso, compreendemos como mais do que necessário apontar “o trabalho metodológico, analítico e interpretativo” como um meio transdisciplinar de investigação, que leve em consideração “esmiuçar o campo semântico”, “descrever e analisar macro e micro organizações sintáticas” como também “as articulações enunciativas” (BRAIT, 2008, p. 13-14) para a compreensão e análise de discursos em circulação.

Por esse motivo, o filósofo russo desenvolveu seus estudos a partir de uma base elementar: o dialogismo. Tal conceito forma o seu refinado trabalho analítico, que se pulveriza em áreas como linguística, literatura, e até mesmo na filosofia, tanto no que diz respeito à

compreensão do romance — a exemplo do romance de Dostoievski — como, também, do próprio entendimento da linguagem de uma maneira geral. O que nos interessa aqui é a compreensão de que Bakhtin desenvolve da linguagem enquanto dialógica, pois sua constituição se dá a partir de redes de alteridade, uma vez que todo enunciado se sustenta na lógica da responsividade.

O termo dialogismo abrange, portanto, a relação que um enunciado tem com outro, e sua constituição se efetiva a partir dessa premissa de sentidos entrelaçados. Para Fiorin “Dialogismo são as relações de sentido que se estabelecem entre dois enunciados” (FIORIN, 2011, p.19). Em decorrência disso, os enunciados se comportam de maneira concreta na teia discursiva, sendo um responsável pela compreensão do outro.

Dessa forma, o discurso se sustentará no enfoque de uma relação constitutiva de dizeres outros com o discurso enunciado, já que todo discurso faz parte de uma rede onde vários enunciados produzem/produziram sentidos. Para Faraco, Bakhtin considera que “Todo enunciado emerge sempre e necessariamente num contexto cultural saturado de significados e valores e é sempre um ato responsivo, isto é, uma tomada de posição neste contexto.” (FARACO, 2009, p. 25). Essa responsividade não se dá apenas pela relação constitutiva desses dizeres, a compreensão que o interlocutor faz de algum enunciado também se configura como uma resposta, tendo em vista que, no instante após a compreensão, o ato enunciativo pode se fazer evidente. Podemos confirmar nas palavras de Bakhtin

As fronteiras do enunciado concreto, compreendido como uma unidade da comunicação verbal, são determinadas pela alternância dos sujeitos falantes, ou seja, pela alternância dos locutores. Todo enunciado — desde a breve réplica (monolexemática) até o romance ou o tratado científico — comporta um começo absoluto e um fim absoluto: antes de seu início, há os enunciados dos outros, depois de seu fim, há os enunciados-respostas dos outros (ainda que seja como uma compreensão responsiva ativa do outro). O enunciado não é uma unidade convencional, mas uma unidade real, estritamente delimitada pela alternância dos sujeitos falantes, e que termina por uma transferência da palavra ao outro, por algo como um mundo “dixi” percebido pelo ouvinte, como sinal de que o locutor terminou (BAKHTIN, 1997, p. 293).

Apreendemos, portanto, da citação acima, o conceito de enunciado enquanto dialógico, que em todo contexto situacional, o enunciado tem um alvo antes e depois de sua circulação. Que mesmo uma “breve réplica (monolexemática)” constitui-se a partir de um processo de alteridade constitutiva. Logo, as posições enunciativas estão organicamente circundantes em sentidos pré-estabelecidos, ou seja, históricos, e sentidos sincronicamente contextualizados, ou melhor, atualizados em seu tempo e espaço próprios — o seu cronotopo.

Bakhtin não foi o único, em seu tempo e espaço, a pensar a linguagem enquanto resultado de uma movimentação de sentidos no interior de uma rede dialógica. O Círculo bakhtiniano direcionou seus estudos às temáticas que molduraram as produções de sentidos em decorrência da linguagem. Segundo Faraco, o Círculo “trata-se de um grupo de intelectuais (boa parte nascida por volta da metade da década de 1890) que se reuniu regularmente de 1919 a 1929 em Nevel e Vitebsk e, depois, em São Petesburgo (à época rebatizada de Leningrado).” (FARACO, 2009, p.13). Ainda, de acordo com Faraco, o grupo era constituído por pessoas de diferentes formações e interesses pautados nas suas atuações profissionais, a exemplo do filósofo Matvei I. Kagan, do biólogo Ivan I. Kanaev, da pianista Maria V Yudina, do professor e estudioso de literatura Lev V Pumpianski. (FARACO, 2009, p.13).

No Brasil, as influências dos estudos do Círculo reverberaram em diversas linhas de conhecimento. Dos pesquisadores que se destacam, podemos citar alguns, como o Bóris Schnaiderman, professor emérito da USP, considerado um dos primeiros divulgadores do pensamento do Círculo, assim como tradutor de textos russos, no Brasil. Podemos, atualmente, citar alguns nomes a exemplo de Brait, Faraco, Sobral e Fiorin como alguns dos inúmeros pesquisadores que se destacam na divulgação do pensamento do Círculo no Brasil.

O pensamento do Círculo recepcionado pelos pensadores brasileiros se direciona a um lugar de múltiplas interlocuções e não se caracteriza enquanto um lugar uniforme. Tem crescido bastante, por exemplo, o número de pesquisas que abordam conceitos como o de gêneros do discurso, polifonia, dialogismo, alteridade, dentre outros.

Mikhail Bakhtin (2002) e Valentin Volochinov (2018) são os principais intelectuais desse grupo que nos fornecem uma base teórica para a reflexão sobre a linguagem. No entanto, em nenhum de seus trabalhos, foi feita uma síntese metodológica de como trabalhar seus conceitos, por isso, ao trabalhar com um conceito específico, é necessário compreendê-lo de forma abrangente, considerando sua relação constitutiva e dialética para que se possa obter uma compreensão mais completa do conceito em questão.

Volóchinov desenvolve, a priori, seu pensamento a partir da crítica a duas tendências, a saber: o subjetivismo individualista⁶ e o objetivismo abstrato. As duas tendências principiam o tema sobre a relação da filosofia com a linguagem. No subjetivismo individualista, é investido ao sujeito uma participação individual mais relevante aos meios de inscrição criativa da

⁶ O uso do termo individualista em detrimento ao de idealista ocorre devido à nova tradução feita diretamente do russo, por Sheilla Grilo e Ekaterina Vólkova. Segundo ela o nome “subjetivismo individualista” aparentemente apresenta incongruência, mas que, entretanto, não havia termo com mais precisão que este: “Como veremos, o nome da primeira tendência é especialmente inadequado. Entretanto, não conseguimos pensar em denominações melhores.” (VOLÓCHINOV, 2018, p.148).

linguagem; já o objetivismo abstrato não compreende essa individuação do sujeito falante e se restringe à visão sistêmica da língua, com pouca ou irrelevante participação do falante.

Em referência a este pensamento linguístico-filosófico que dominou a linguística saussuriana, Volóchinov (2018) argumenta que esta concepção apresenta um “erro gravíssimo” ao atribuir o contexto de uma palavra sempre no mesmo plano. Contudo, segundo o pensador russo, a palavra adquire diferentes significações a depender da situação em que for enunciada.

O objetivismo abstrato cometeu ainda o seguinte erro gravíssimo: os diferentes contextos de uso de uma palavra são compreendidos como se estivessem posicionados no mesmo plano. É como se os contextos formassem uma série de enunciados fechados e autônomos, orientados para a mesma direção. No entanto, isso está longe de ser verdade: os contextos de uso de uma mesma palavra frequentemente são opostos entre si. O caso clássico dessa oposição entre os contextos de uma mesma palavra são as réplicas de um diálogo. Nesse caso, a mesma palavra aparece em dois contextos em colisão. É claro, as réplicas de um diálogo representam apenas o caso mais claro e evidente dos contextos multidirecionais. Na verdade, qualquer enunciado real, em um grau maior ou menor e de um modo ou de outro, concorda com algo ou nega algo (VOLÓCHINOV, 2018, p.197).

Para desenvolver melhor seu pensamento a respeito das diferentes significações que uma palavra pode adquirir, Volóchinov (2018) fala em réplicas no diálogo, em que ele denomina como “caso clássico” de oposição entre palavras em um mesmo contexto — será nessa oposição que as palavras vão configurar-se em um contexto de embate. Este embate ou combate, ocorre sempre na premissa da alteridade, ou seja, acontece na relação entre interlocutores, seja essa relação passiva, seja essa relação conflituosa. Por isso, compreendemos a alteridade enquanto um processo constitutivo do enunciado, e até mesmo fundadora do diálogo.

O conceito de alteridade, para o círculo bakhtiniano, se dá pelo processo de compreensão da constituição do indivíduo através de sua relação com o outro. Será através do outro que o indivíduo se reconhecerá e se localizará, ou não, em determinada situação enunciativa. Esse ato, de se reconhecer ou não, pode ser determinado até mesmo de modo responsivo, modo que prevê uma resposta, ainda que negativa ou silenciosa. O fato de o sujeito não se localizar já é, por si, uma atitude de posicionamento, em que se compreende, também, atos valorativos. Valores que são colocados em circulação a partir dessa relação constitutiva de dizeres, sendo tal funcionamento importante para localizar posições, identidades e opiniões sobre determinado lugar social. Logo, o indivíduo compreende seu lugar e logo se localiza na rede discursiva que socialmente fora situado. A alteridade também será compreendida a partir de sua função *precedente e constitutiva* do conceito de identidade (FARACO, 2008). Segundo Faraco

A alteridade precede e é constitutiva da identidade, da ipseidade ("Ich werde am Du"- "Me tomo na relação com o Tu"). Devo à presença do Tu minhas possibilidades existenciais. Toda e qualquer função psíquica só se desenvolve, bem ou mal, na presença do outro. Ser reconhecido é a pedra angular da construção do Eu: ser visto, reconhecido, respeitado (FARACO, 2008, p.158)

Para o Círculo, compreender a relação de alteridade se faz necessário para diversos conceitos desenvolvidos em torno do funcionamento da linguagem, que se organiza em meio às regularidades desse processo e que são (des)encadeados em uma ininterrupta intersubjetividade enunciativa. É, pois, através dessa relação com o outro, que as formas de noção estética do sujeito se evidenciam por meio de uma visão exterior, chamada de *excedente de visão*. Sendo assim, só é possível o *eu* dar acabamento estético ao *outro* a partir de sua visão exterior. Para Bakhtin “Eu não posso me arranjar sem um outro, eu não posso me tornar eu mesmo sem um outro; eu tenho de me encontrar num outro para encontrar um outro em mim” (2010, p. 287).

Assim, as relações de alteridade determinam e fundamentam a identidade do sujeito através de sistemas axiológicos que se organizam em meio aos fios dialógicos marcados de sentidos. Dessa maneira, podemos compreender esses fios dialógicos enquanto base primordial para a constituição do indivíduo enquanto sujeito, uma vez que será através dessa assertiva que se vale o entendimento de que a singularidade é inscrita no social a partir do ato enquanto evento. Tal singularidade, para Bakhtin, não se relaciona com a individualidade em um lugar unilateral, e sim, na sustentabilidade do “eu-para-mim, o outro-para-mim e o eu-para-o-outro” (2010, p.19) – em que a subscrição é dada sob condição do tom emotivo-volitivo na perspectiva do ato responsável. Entendemos, pois, o processo dialógico enquanto conceito base para compreender noções do Círculo bakhtiniano. Por isso, segundo Bakhtin (2010), o indivíduo se compreende como participante singular, de modo que

Não tenho álibi na existência: ser na vida significa agir – eu não posso não agir, eu não posso não ser participante da vida real. E essa obrigação decorre de eu ser único e ocupar um lugar único: ocupo no existir singular um lugar único, irrepetível, insubstituível e impenetrável da parte de um outro. Sou insubstituível e esse fato me obriga a realizar minha singularidade peculiar: tudo o que pode ser feito por mim não poderá nunca ser feito por ninguém mais, nunca. O dever encontra a sua possibilidade originária lá onde reconheço a unicidade da minha existência e tal reconhecimento vem do meu próprio interior – lá onde assumo a responsabilidade da minha própria unicidade (BAKHTIN, 2010, p.149).

O indivíduo não tem álibi no existir, por isso, configura-se enquanto participante ativo e responsivo nas relações que o situam, seja a partir de várias vozes (marcadas comumente de

forma universal, denominada por heteroglossia), seja a partir da interação direta/indireta entre o sujeito e o mundo. Logo, a linguagem, nessa perspectiva, só é possível a partir da interação verbal. Por isso, entendemos que o enunciado reflete e refrata tal como um fenômeno óptico de uma luz branca se dispersando. Os efeitos de significações somente são possíveis se entendermos os sistemas constituintes através desse processo dialógico da linguagem enquanto modo de (re)configuração discursiva.

Em síntese, podemos conceber o conceito de alteridade como importante para compreender o funcionamento da constituição ideológica do sujeito em sua relação com o Outro. Bakhtin instrumentalizou, sob a égide do dialogismo, a compreensão dos fazeres estéticos e de sentidos que formam base para o discurso, além de ter desenvolvido, ao longo de suas pesquisas, trabalhos importantes que pretendiam desmistificar os processos subjetivos do sujeito. Nesse sentido, todo discurso é inteiramente dialógico, e será, a partir disso, que entenderemos o conceito de alteridade como fundamental na obra de Bakhtin e o Círculo.

Os discursos, na atualidade, são constituídos a partir de uma rede e processos exacerbados de elementos pluri-semióticos, em que as imagens representam, na maioria dos casos, uma parte considerável desses elementos produzindo um ininterrupto movimento de sentidos, que significam, constituem, formulam e resgatam dizeres outros no quadro sócio-histórico das representações sociais.

Logo, a compreensão dos sentidos de tais linguagens para constituição do sujeito se faz necessária devido ao campo multissemiótico de significações. Ao retomar Brait, pontuamos alguns excertos em que a pesquisadora diz que o Círculo oferece subsídios basilares a fim de compreender a linguagem de maneira ampla.

[...] venho denominando há alguns anos dimensão verbo-visual de um enunciado, de um texto, ou seja, dimensão em que tanto a linguagem verbal como a visual desempenham papel constitutivo na produção de sentidos, de efeitos de sentido, não podendo ser separadas, sob pena de amputarmos uma parte do plano de expressão e, conseqüentemente, a compreensão das formas de produção de sentido desse enunciado[...] (BRAIT, 2013, p. 44).

Brait fala em dimensão verbo-visual do enunciado para compreender o processo de constituição dos sentidos, em que tanto a linguagem verbal quanto a não-verbal estabelecem relações essenciais para que esse processo ocorra (BRAIT, 2013, p.44). Posteriormente, Brait reafirma que as contribuições do Círculo e dos estudos de Bakhtin, no que se refere às "sugestões teórico-metodológicas", partem de uma perspectiva que pensa a "teoria da

linguagem em geral", que não se restringe apenas à "linguagem verbal, oral ou escrita". Confirmamos na citação abaixo.

É importante reafirmar que as sugestões teórico-metodológicas que sustentam essa perspectiva vêm da compreensão de que os estudos de Bakhtin e do Círculo constituem contribuições para uma teoria da linguagem em geral e não somente para uma teoria da linguagem verbal, quer oral ou escrita (BRAIT, 2013, p. 44).

Para exemplificar essa dimensão geral da linguagem nos textos de Bakhtin e do círculo, Brait cita alguns títulos como "O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas". Já para ressaltar o valor da linguagem verbo-visual que Bakhtin dá aos seus trabalhos, a autora brasileira cita o capítulo II do texto "O autor e a personagem na atividade estética" nomeado "A forma espacial da personagem". No que diz respeito aos processos teórico-metodológicos de leitura e compreensão de um discurso, seja ele verbal ou não-verbal, podem realizar-se tanto a partir de uma dimensão linguística, como do universo associado à arte, bem como do estudo do elo que se estabelece entre vida, enunciado visual e verbal. De modo que todo discurso se projeta inteiramente numa relação dialógica, ou seja, há sempre um movimento pendular de ir e vir que sustenta e dá vida/acabamento aos enunciados.

De um lado, temos os estudos do visual, especialmente os ligados à arte[...] outra coisa é um estudo que procura explicar o verbal e o visual casados, articulados num único enunciado, o que pode acontecer na arte ou fora dela, e que tem gradações, pendendo mais para o verbal ou mais para o visual, mas organizados num único plano de expressão, numa combinação de materialidades, numa expressão material estruturada[...] (BRAIT, 2013, p. 50).

Esse levantamento teórico-metodológico nos possibilita analisar os objetos aqui coletados a partir de dois campos enunciativos: o primeiro diz respeito às imagens que correspondem à representação da crucificação de Cristo, e o segundo, à recepção, ou melhor, os atos responsivos dessas imagens por vozes oficiais, ou seja, discursos que já se encontram em lugares de prestígio no tecido social. Nessa perspectiva, compreendemos que tanto o enunciado verbal como visual são determinantes na produção de sentidos, uma vez que suas circulações ocorrem dentro de uma sociedade organizada ideologicamente, dividida por lugares, convívios sociais, e por diversos tons emotivo-volitivos.

Os materiais de análise, nesta perspectiva metodológica, constituem-se de múltiplas linguagens, linguagens verbais ou não verbais, ou como diz Brait (2013), na verbo-visualidade. Ademais, tomaremos como base a disputa entre palavras dialógicas e monolíticas, uma vez que esse atrito representa a luta pelo sentido, como a maneira pela qual ocorre o processo de constituição do sujeito. Nesse sentido, é fundamental que compreendamos esse processo

dialógico constitutivo como fundador, em outras palavras, a constituição do sujeito se dá no jogo dialogal que ocorre nos posicionamentos e nos atos valorativos.

2.1 PALAVRA DIALÓGICA X PALAVRA AUTORITÁRIA

O embate que se estabelece entre as vozes sociais também é interesse do Círculo, já que há, no funcionamento social do signo ideológico, uma disputa pelo sentido, pois, para Volóchinov, a palavra ideológica se estabelece numa arena de luta de classes.

Em cada ato discursivo, a vivência subjetiva é eliminada no fato objetivo da palavra-enunciado dita; já a palavra dita, por sua vez, é subjetivada no ato de compreensão responsiva, para gerar mais cedo ou mais tarde uma réplica responsiva. Como já sabemos, toda palavra é um pequeno palco em que as ênfases sociais multidirecionadas se confrontam e entram em embate. Uma palavra nos lábios de um único indivíduo é um produto da interação viva das forças sociais (VOLÓCHINOV, 2018, p.140).

Esse embate que se dá entre os discursos tem como justificativa o interesse pelo domínio do sentido da palavra e, ao dominar o sentido de um discurso ou enunciado, o grupo que o fizer terá a possibilidade de controlar as massas podendo determinar o que pode e deve ser dito. Esse desenvolvimento, oriundo das desigualdades sociais, sustenta até os dias atuais os grupos de poder em lugares de hegemonia, uma vez que, caso houvesse rebelião dos grupos subalternizados, ocasionaria uma ruptura do poder e levaria as massas aos espaços de liberdade social e/ou até mesmo, econômica. E será nesse movimento oscilante que a disputa se dará, a palavra dialógica e a palavra autoritária (ou monológica) vivem em constantes tensões. Podemos confirmar esse pensamento a partir da leitura que Faraco faz do pensamento bakhtiniano.

As vontades sociais de poder tentarão sempre estancar, por gestos centrípetos, aquele movimento: tentarão impor uma das verdades sociais (a sua) como a verdade; tentarão submeter a heterogeneidade discursiva (controlar a multidão de discursos); monologizar (dar a última palavra); tornar o signo monovalente (deter a dispersão semântica); finalizar o diálogo (FARACO, 2009, p.53).

Nesse excerto, corroboramos com a leitura que Faraco faz do pensamento bakhtiniano acerca a tentativa de controle direcionado às massas, em que, “as vontades sociais de poder” determinarão sempre, por movimentos “centrípetos”, impor suas verdades, ou seja, estabelecer elos de controle e manipulação, a partir da palavra monológica. Faraco, nesse trecho, nos apresenta uma leitura breve e elucidativa dos escritos bakhtinianos sobre a compreensão do signo monovalente, e como esse comando tem a função de impedir a disjunção semântica e finalizar qualquer tentativa de insurreição dialógica.

Ao qualificar as forças centrípetas como monologizantes, é preciso observar que elas não deixam de ser dialógicas: elas também constituem um gesto responsivo no oceano da heteroglossia. Em outras palavras, a atitude discursiva monológica é intrinsecamente dialógica — como, aliás, na concepção do Círculo, todas as manifestações verbais (FARACO, 2008, p.70).

Além do mais, vale reafirmar o valor dialógico das forças centrípetas, uma vez que mesmo não havendo interação direta no processo enunciativo, a palavra monológica sempre carregará no seu interstício um comportamento responsivo. Comportamento não só constitutivo, como também fundador. Todo discurso, por mais monológico que seja, se direciona a outrem, e por mais impositivo que aparente ser, tem como principal função, o comportamento enunciativo do seu interlocutor.

Não obstante, ratificamos o que dissemos anteriormente, a partir do que diz Bakhtin (1997) sobre o comportamento do enunciado enquanto monológico, já que não permite diálogo e nasce exatamente enquanto resposta a outro enunciado, mesmo que tal ato responsivo não o recepcione positivamente.

Por mais monológico que seja um enunciado (uma obra científica ou filosófica, por exemplo), por mais que se concentre no seu objeto, ele não pode deixar de ser também, em certo grau, uma resposta ao que já foi dito sobre o mesmo objeto, sobre o mesmo problema, ainda que esse caráter de resposta não receba uma expressão externa bem perceptível. A resposta transparecerá nas tonalidades do sentido, da expressividade, do estilo, nos mais ínfimos matizes da composição. As tonalidades dialógicas preenchem um enunciado e devemos levá-las em conta se quisermos compreender até o fim o estilo do enunciado. Pois nosso próprio pensamento — nos âmbitos da filosofia, das ciências, das artes — nasce e forma-se em interação e em luta com o pensamento alheio, o que não pode deixar de refletir nas formas de expressão verbal do nosso pensamento (BAKHTIN, 1997, p. 317).

A palavra religiosa, por muito tempo, tomou uma postura autoritária em seu comportamento, seja com intuito de doutrinar, seja com interesse em cessar qualquer tipo de dissidência que viesse a colocar em risco sua hegemonia, a exemplo do crescimento da Igreja católica na Europa Medieval, em que se tornou a instituição mais poderosa da Idade Média. Ademais, podemos pontuar a confissão enquanto prática realizada por essa mesma instituição, que nos evidencia essa postura autoritária, prática que ocorre até os dias de hoje. Entretanto, não temos apenas “A palavra religiosa como uma variante da ‘palavra autoritária’”⁷, existem outros enunciados que se comportam a partir de uma postura monológica. (MUELLER, 2017, p.95).

⁷ Título do artigo de Beatriz Gutiérrez Mueller, publicado pela revista Bakhtiniana em 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bak/a/f8rhLSwXqCxRKVNSgsTrZdy/?lang=pt&format=pdf>

A palavra autoritária exige de nós o reconhecimento e a assimilação, ela se impõe a nós independentemente do grau de sua persuasão interior no que nos diz respeito; nós já a encontramos unida à autoridade. A palavra autoritária, numa zona mais remota, é organicamente ligada ao passado hierárquico. É, por assim dizer, a palavra dos pais. Ela já foi *reconhecida* no passado. É uma palavra *encontrada de antemão*. Não é preciso selecioná-la entre outras equivalentes. Ela ressoa numa alta esfera, e não na esfera do contato familiar. Sua linguagem é uma linguagem especial (por assim dizer, hierática). Ela pode tornar-se objeto de profanação. Aproxima-se do tabu, do nome que não se pode tomar em vão (BAKHTIN, 2002, p.143).

Segundo Bakhtin, o discurso autoritário se diferencia da palavra internamente persuasiva, tendo aquela, como característica, um plano impositivo, ou convencimento passivo, que vai além do sistema de autoridade. Além do mais, apesar dos enunciados centrípetos adquirirem pecha monológica, sua constituição se efetua a partir de uma conjuntura dialógica, uma vez que se dá a partir de uma resposta ou se direciona a outrem.

Em decorrência desse embate, compreendemos os discursos de resistência e os de autoridade enquanto constitutivos do enunciado, que se sustenta nesse embate pendular. No caso aqui analisado, podemos exemplificar o discurso de resistência a partir das vozes dos sujeitos marginalizados, como a performance da travesti encenando a crucificação de Cristo; bem como o discurso da escola de samba Mangueira com corpos negros também encenando a crucificação de Cristo; já o discurso de autoridade é representado pelas vozes dos políticos, jornalistas e líderes religiosos como respostas aos discursos anteriores.

O embate que ocorre entre as vozes sociais é princípio elementar na construção dos sentidos. Este embate não ocorre sem que haja uma voz que ambicione o aprisionamento de um determinado sentido em um contexto enunciativo. Entretanto, tal tentativa de aprisionamento de sentido, mesmo bem-sucedida, não inviabiliza as vozes de resistência. Essas vozes — as de resistência — são resultados das manifestações singulares dos sujeitos ideologicamente inscritos em lugares sociais díspares. No próximo item, debruçamo-nos melhor sobre a relação entre a dominação e as vozes de resistência.

2.2 A DOMINAÇÃO E AS VOZES RESISTENTES

No artigo O sujeito e o poder⁸ Foucault (1995) inicia uma caminhada explicativa sobre seus processos teóricos, e suas reais pretensões ao estudar as relações de poderes. Para ele, só há sentido no estudo dessas relações, se for relacionado às causas e aos efeitos desse poder na sociedade, uma vez que só se compreende os processos pelos quais o humano se torna sujeito

⁸ Link do artigo: <https://faccaoficticia.noblogs.org/files/2015/08/O-Sujeito-e-o-Poder-Foucault.cleaned.pdf>

pela elucidação das relações de poderes. Entretanto, não foi objetivo do filósofo francês criar leis ou processos metodológicos de se analisar o poder, e sim, analisar o poder para se entender os processos de formação das subjetividades do sujeito na sociedade.

A partir disso, ele postula alguns modos de investigação e o primeiro relaciona-se aos modos de objetivação do sujeito do discurso através da gramática, linguística ou filologia; já o segundo modo de investigação prevê o sujeito enquanto útil economicamente em uma sociedade do consumo e produção; o terceiro, por sua vez, liga-se apenas ao fato do sujeito estar vivo na sociedade (FOUCAULT, 1995, p.231).

Além disso, Foucault (1995) continua seu percurso na tentativa de explicar o processo de objetivação do sujeito em relação ao outro, denominado de “práticas divisoras”, em que o sujeito é colocado em constante confronto sobre condutas preexistentes. Essas condutas são constituídas pelas instituições hegemônicas como simulacros a serem seguidos e enquanto formas legítimas de viver-se na sociedade.

Afirma, ainda, que essa relação resolve aparecer nas relações de significações e produções. No entanto, a teoria econômica e o materialismo histórico não são suficientes para explicar as relações de poder. Segundo Foucault, o poder não estaria restrito apenas a uma instituição ou a um sistema unificado, uma vez que os micropoderes estão em todos os lugares, e eles se capilarizam no tecido social de diversas maneiras.

pareceu-me que, enquanto o sujeito humano é colocado em relações de produção e de significação, é igualmente colocado em relações de poder muito complexas. Ora, pareceu-me que a história e a teoria econômica forneciam um bom instrumento para estudar as relações de significação; porém, para as relações de poder, não temos instrumentos de trabalho. O único recurso que temos são os modos de pensar o poder com base nos modelos legais, isto é: o que é legitimar o poder? Ou então, modos de pensar o poder de acordo com um modelo institucional, isto é: o que é o Estado? (FOUCAULT, 1995, p.232)

Entendemos, pois, os modos de compreender o processo de subjetivação a partir de sua relação intersubjetiva, em sistemas que ultrapassam a dimensão linguística, e se encontram em lugares fronteiriços com a história social. Além do mais, as contribuições teóricas de Michel Foucault acerca das relações de poder podem servir aqui como uma das maneiras de intercalar as compreensões de Mikhail Bakhtin sobre a palavra monológica.

Para Foucault, o poder é uma prática que regulamenta a conduta e institui uma verdade e, para Bakhtin, a palavra monológica não permite diálogo, logo também institui uma verdade. Portanto, a leitura que fazemos dos dois pensadores é que a verdade seria uma prática de dominação. Entretanto, há meios de resistência que colocam em questão os métodos de

dominação, são as vozes resistentes e as lutas antiautoritárias — lutas essas reflexos dos processos de dominação. Foucault (1995) compreende três tipos de lutas proeminentes: a étnica, social e religiosa

Geralmente, pode-se dizer que existem três tipos de lutas: contra as formas de dominação (étnica, social e religiosa); contra as formas de exploração que separam os indivíduos daquilo que eles produzem; ou contra aquilo que liga o indivíduo a si mesmo e o submete, deste modo, aos outros (lutas contra a sujeição, contra as formas de subjetivação e submissão). Acredito que na história podemos encontrar muitos exemplos desses três tipos de lutas sociais, isoladas umas das outras ou misturadas entre si. Porém, mesmo quando estão misturadas, uma delas, na maior parte do tempo, prevalece. Por exemplo, nas sociedades feudais, as lutas contra as formas de dominação étnica ou social prevaleciam, mesmo que a exploração econômica possa ter sido muito importante como uma das causas de revolta (FOUCAULT, 1995, p. 235-236)

Em decorrência disso, interpretamos as atuais lutas antiautoritárias com aspirações identitárias em seu plano de fundo, pois o antagonismo de classe e as questões econômicas, na visão foucaultiana, perdem lugar para as indagações identitárias. Além disso, o poder existe paralelamente à liberdade, uma vez que a existência de um, pressupõe as condições de existência da outra, logo só há poder naquilo que se entende que possa ter liberdade e, por isso, não há como separar um do outro. O pensador francês postula, por exemplo, o poder pastoral como um desses poderes que se constitui enquanto elementar no processo de formação da dominação na sociedade, pois

1) É uma forma de poder cujo objetivo final é assegurar a salvação individual no outro mundo. 2) O poder pastoral não é apenas uma forma de poder que comanda; deve também estar preparado para se sacrificar pela vida e pela salvação do rebanho. Portanto, é diferente do poder real que exige um sacrifício de seus súditos para salvar o trono. 3) É uma forma de poder que não cuida apenas da comunidade como um todo, mas de cada indivíduo em particular, durante toda a sua vida. 4) Finalmente, esta forma de poder não pode ser exercida sem o conhecimento da mente das pessoas, sem explorar suas almas, sem fazer-lhes revelar os seus segredos mais íntimos. Implica um saber da consciência e a capacidade de dirigi-la (FOUCAULT, 1995, p.237).

Assim como o discurso religioso em Bakhtin é considerado monológico, ou seja, não permite diálogo, a funcionar a partir de modos de organização que impõe sempre uma verdade ou conduta, em Foucault, temos o poder pastoral como processo bastante semelhante. Em Bakhtin, a palavra religiosa não tem pretensão em se constituir enquanto uma voz bivocal, ou seja, ela não tolera a dissidência de seu ato impositivo. Por isso, podemos observar semelhanças na abordagem que os dois autores fazem ao se referirem à palavra religiosa enquanto palavra autoritária, mesmo que em tempos, lugares e culturas distintas.

Na seção seguinte, nosso percurso se destina à compreensão da relação constitutiva da *dimensão verbo-visual de um enunciado* (BRAIT, 2013) focalizando o corpo enquanto um enunciado verbo-visual. Esse itinerário se faz importante, uma vez que o corpo é uma materialidade enunciativa e se apresenta enquanto um lugar dialógico. Para isso, recorreremos a Foucault (2013) e Bakhtin (1999), dois pensadores de trajetórias teóricas totalmente distintas, mas que abordam o corpo dentro de um escopo que nos possibilita fazer conexões, aproximações e, também, mesmo afastamentos.

3 CORPO, IMAGEM E SENTIDO: AS CONSTRUÇÕES E OS EFEITOS DOS ENUNCIADOS CONCRETOS E ATOS ENUNCIATIVOS

É preciso renunciar a todos esses temas que têm por função garantir a infinita continuidade do discurso e sua secreta presença no jogo de uma ausência sempre reconduzida.

FOUCAULT

O projeto destinado a construir os entornos dos sentidos dos discursos foi/é na sociedade uma grande preocupação dos grupos que o empreendem. Com o advento da internet, as notícias passaram a circular com mais facilidade e, em um perfil pessoal no Twitter, por exemplo, qualquer pessoa pode compartilhar ou receber informações, já que elas podem adquirir grandes proporções, e em decorrência disso, nos deparamos com plurais efeitos de sentidos em torno delas — a exemplo das linguagens não-verbais, que nessa perspectiva, construíram-se a partir de uma base heterogênea, em que os sentidos funcionam distintamente uns dos outros.

Dentro deste escopo discursivo, observamos a crescente significação em torno do olhar dado ao corpo, corpo este compreendido pelo viés social, diferente das teorias biológicas. Esse corpo constitui-se enquanto alvo de inúmeros discursos e desfruta, na modernidade, como um lugar de alojamento dos sentidos desses discursos. Logo, tem ocorrido, atualmente, diversos estudos, em diversas áreas científicas (da antropologia à linguística) sobre seu caráter significativo, pois tal matéria viva e simbólica tem se tornado cada vez mais discursiva.

Nos últimos anos, os pesquisadores que tomam posições relativas aos estudos sobre o corpo, por sua vez, na empreitada direcionada a evidenciar as formulações e constituições de sentido, se preocupam, a princípio, em pormenorizar a análise dos adereços simbólicos que constituem tal materialidade. O corpo, então, é compreendido como materialidade discursiva, uma vez que, na organização de sua evidência, inferem-se contextos, sentidos e tons valorativos. Além disso, sua inscrição é dada em uma sociedade que tanto sustenta saberes, como rompem-nos.

O corpo na história, na vida e na arte são diferentes modos que se cruzam e dão sustento às análises de vários pensadores. A princípio, podemos listar alguns nomes como: Judith Butler (2003), David Le Breton (2003), Florence Braunstein (2001), Jeon-François Pépin (2001), Alain Corbin (2012), Georges Vigarello (2012) Jean-Jacques Courtine (2011, 2013), Michel Foucault (2013, 1979, 2006, 1987, 1988) e Mikhail Bakhtin (1997, 1999). É nesses dois últimos que centralizamos nosso debate, pois, com a vasta literatura produzida por esses pensadores, torna-se impossível trabalhá-los em sua totalidade. Entretanto, apesar de tal circunstância, conjugaremos em algum momento, alguns dos pensadores citados para além de Foucault e

Bakhtin. Entendemos que tais pesquisadores nos dão, a princípio, subsídios para elucidações de assertivas sobre temáticas que discorrem acerca os corpos e suas projeções, uma vez que desenvolveram, em boa parte dos seus trabalhos, discussões em torno das problemáticas que circulam e molduram esses corpos.

3.1 O CORPO EM BAKHTIN E FOUCAULT

Primeiramente, é importante dizer que não identificamos, em Mikhail Bakhtin, um trabalho teórico minucioso sobre as relações dadas ao corpo. Entretanto, o pensador russo desenvolve concepções sobre o corpo em dois momentos de sua obra, os quais são importantes para o debate proposto aqui. Em *Estética da Criação Verbal* (1997) e em *A cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais* (1999) o uso da palavra corpo aparece nessas duas obras de forma a explicar os fatores externos à visão interna sobre si.

Na primeira obra citada, Bakhtin pensa os aspectos físicos enquanto componentes importantes para a constituição do corpo e evidencia sua preocupação a partir de alguns questionamentos centrais para principiar seu trabalho: “Como vivemos o nosso próprio aspecto físico e como vivemos o aspecto físico do outro? Em que plano da vivência se situa seu valor estético?” (BAKHTIN, 1997, p.48). E que, no entanto, não há possibilidade do “eu” contemplar ou descrever aspectos físicos sobre si, a não ser que “[...] como Narciso, contemplo meu reflexo na água ou no espelho.”⁹ (Ibid., p.48). Depois disso, nesse mesmo capítulo¹⁰, Bakhtin diz que essa representação que o “eu” faz de si é “vazia, ilusória e solitária” e isso acontece, segundo ele, pelo motivo de “[...] não temos, a respeito dessa imagem, a abordagem emotivo-volitiva adequada que poderia dar-lhe vida e incluí-la na unidade exterior do mundo plástico-pictural.” (Ibid., p.51).

⁹ Entretanto, ao desenvolver melhor seu pensamento, Bakhtin diz que mesmo que tenhamos o espelho para que nós vejamos nosso reflexo, ainda assim nos faltaria a visão totalizadora do aspecto físico. “A visão que temos de nosso aspecto físico quando nos olhamos no espelho é de natureza totalmente particular. Visivelmente, vemo-nos sem mediação. Ora, não é nada disso; permanecemos em nós mesmos e só vemos o nosso reflexo, um reflexo que não poderia, de maneira imediata, tornar-se um componente de nossa visão e de nossa vivência do mundo: vemos o reflexo de nosso aspecto físico, mas não vemos a nós mesmos em nosso aspecto físico, o aspecto físico não nos engloba por inteiro, estamos diante do espelho, mas não estamos dentro do espelho; o espelho só pode fornecer o material de uma auto-objetivação — um material que não é, para ser exato, sequer um material. De fato, nossa situação na frente do espelho é sempre deturpada pois, na ausência de um meio de abordagem de nós mesmos, também nesse caso identificamo-nos com o outro possível, indeterminado, com cuja ajuda tentamos encontrar uma posição de valores a respeito de nós mesmos; ou seja, é a partir do outro que, mais uma vez, tentamos dar-nos vida e forma; daí essa expressão particular de nosso rosto tal como a vemos no espelho e que não temos na vida.” (BAKHTIN, 1997, p.53).

¹⁰ Capítulo “O problema do herói na atividade estética” presente na coletânea “A estética da Criação Verbal” (1997).

Logo, não há dissociação do outro em relação ao eu no processo de acabamento estético dado aos aspectos físicos do sujeito cognoscente. Bakhtin diz ainda “Vivencio o eu do outro de um modo totalmente diferente daquele como vivencio meu próprio eu.” (BAKHTIN, 1997, p.58). E que essa distinção é essencial tanto para estética quanto para ética.

Basta lembrar o princípio da disparidade dos valores entre eu e o outro do ponto de vista da moral cristã: não se deve amar a si mesmo, mas deve-se amar ao outro, não se deve ser indulgente consigo mesmo, mas deve-se ser indulgente com o outro; de uma maneira geral, deve-se aliviar o outro de seus fardos e assumi-los para si mesmo. Dá-se o mesmo com o altruísmo que confere à felicidade do outro um valor totalmente diferente do conferido à felicidade pessoal. Teremos a ocasião de voltar ao solipsismo ético no prosseguimento de nossa exposição (Ibid., p. 58).

Nesse caso, a estética funciona como elemento importante para o “eu” compreender seus próprios processos, sua singular atividade, ou ainda suas “visão, audição, percepção, pensamento, sentimento, etc” (Ibid., p.58). No entanto, é apenas com o olhar dado ao outro no mundo “espácio-sensorial” que notamos seu acabamento e sua “existência-aqui-e-agora” (Ibid., p.61).

A importância desenvolvida em torno dessa problemática nos serve para compreendermos o valor que o corpo ocupa no mundo concreto e seu nível de singularidade, pois o corpo do “eu” é, de maneira sucinta, o corpo interior, e o corpo do “outro” é, resumidamente, o corpo exterior. Nessa circunstância, o corpo interior pode, segundo Bakhtin, adquirir uma ternura em relação a si mesmo, entretanto, nunca amar o seu próprio corpo como faz com o corpo exterior. Confirmamos o pensamento anterior a partir do que se diz no trecho: “Não se pode amar ao próximo como a si mesmo, ou, mais exatamente, não se conseguiria amar a si mesmo como se ama ao próximo, apenas se pode transferir o conjunto dos atos que, normalmente, são realizados em benefício de si mesmo.” (Ibid., p.67).

O corpo do outro é um corpo exterior e seu valor, que atualizo de modo intuitivo-visual, me é dado de maneira totalmente imediata. O corpo exterior se unifica e adquire forma mediante as categorias cognitivas, éticas e estéticas, mediante o conjunto de seus componentes externos visíveis e tangíveis que nele representam valores plásticos e picturais. Minhas relações emotivo-volitivas com o corpo exterior do outro são imediatas, e é apenas numa relação com o outro que vivo de maneira imediata a *beleza* do corpo humano, ou seja, esse corpo começa a viver para mim em um nível de valores totalmente diferentes, inacessíveis à percepção interna e à visão fragmentária que tenho de mim mesmo. Apenas o outro é *encarnado* para mim em termos de valores e de estética. A esse respeito, o corpo não é algo que baste a si mesmo, tem necessidade do *outro*, de outro que o reconheça e lhe proporcione sua forma. Apenas o corpo interior — a carne pesada — é dado ao homem, o corpo exterior do outro é apenas pré-dado e deve ser objeto de uma atividade criadora (Ibid., p.70, grifo do autor).

Para Bakhtin, o corpo torna-se lugar de observação do outrem, em que só é possível compreender a totalidade dessa massa dinâmica a partir de alteridades constitutivas, ou seja, só é possível dar acabamento ao corpo, a partir de uma visão exterior, ou melhor, de um “excedente de visão”.

Já na segunda obra citada anteriormente, o pensador russo pensa o corpo na Idade Média a partir da obra de François Rabelais. O corpo nesse período, segundo Bakhtin, visibiliza-se em lugares festivos, muitas vezes em eventos carnavalescos, e beira situações grotescas. Os eventos festivos carnavalescos, por exemplo, abrem precedentes para a execução de diversas práticas grosseiras, mas que, também, inauguram um modo de questionar os papéis sociais a partir de um lugar cômico. E nisso, os sistemas que o constroem logram-se de elementos jocosos que se liberam a partir do riso, em um cronotopo específico.

O princípio cômico que preside aos ritos do carnaval, liberta-os totalmente de qualquer dogmatismo religioso ou eclesiástico, do misticismo, da piedade, e eles são além disso completamente desprovidos de caráter mágico ou encantatório (não pode nem exigir nada). Ainda mais, certas formas carnavalescas são uma verdadeira paródia do culto religioso. Todas essas formas são decididamente exteriores à Igreja e à religião. Elas pertencem à esfera particular da vida cotidiana (BAKHTIN, 1987, p.6).

Desde a Idade Média, portanto, podemos observar o movimento das massas em questionar a cultura oficial. Esse movimento ocorria a partir de festejos carnavalescos, obras cômicas verbais e diversas formas e gêneros de vocabulário familiar grosseiros. O riso foi um grande aliado dessa cultura e proporcionou uma liberdade até então superficial. No entanto, o carnaval, segundo a perspectiva bakhtiniana, é totalmente diferente do carnaval como conhecemos hoje. O carnaval em Bakhtin (1999) tinha como premissa expor em praça pública as forças centrífugas, em contraponto ao movimento de força centrípeta, que caracterizava sua atuação, a partir da dominação pelos discursos oficiais. A atitude de destronar o rei e substituir por um escravizado e os travestismos na troca de papéis sexuais são exemplos de como, na Idade Média, o carnaval funcionava como um movimento de ruptura dos discursos oficiais. Bakhtin (1999) desenvolve sua teoria acerca dos discursos em praça pública a partir da obra de Rabelais, obra carregada de paródias, sátiras e escrita voltada ao grotesco.

A semelhança que encontramos com o atual modelo de carnaval — o carnaval orquestrado pelas escolas de samba — se aproxima mais do discurso de força centrífuga, a partir do viés político, do que do riso, uma vez que o discurso carnavalesco contemporâneo tem se tornado uma grande arma para questionar as relações de poder exercidas pelos mais privilegiados, com desfiles sérios, formados por alas e desenvolvido dentro de uma competição.

Por isso, ressaltamos a distinção do conceito carnavalesco bakhtiniano ao aplicá-lo nas materialidades presentes nesta pesquisa.

O corpo, nessa perspectiva, não se trata de um corpo egoísta, individual, pois seu princípio material é notado a partir de sua natureza popular e adquire, portanto, “caráter cósmico e universal” (BAKHTIN, 1987, p.17). Nas palavras de Bakhtin (1987)

O porta-voz do princípio material e corporal não é aqui nem o ser biológico isolado nem o egoísta indivíduo burguês, mas *o povo*, um povo que na sua evolução cresce e se renova constantemente. Por isso o elemento corporal é tão magnífico, exagerado e infinito. Esse exagero tem um caráter *positivo e afirmativo*. O centro capital de todas essas imagens da vida corporal e material são fertilidade, o crescimento e a superabundância. As manifestações da vida material e corporal não são atribuídas a um ser biológico isolado ou a um indivíduo “econômico” particular e egoísta, mas a uma espécie de corpo popular, coletivo e genérico [...] (BAKHTIN, 1987, p.17, grifo do autor).

O povo, portanto, configura-se enquanto o porta-voz desse princípio material arquitetado pelas culturas de dissenso produzidas sob a perspectiva da comicidade. No mais, sua existência biológica não configura caráter de valor nesse cenário. Os estratos, por isso, tornam-se simulacros corpóreos.

O filósofo francês Michel Foucault (1979), concebe o corpo enquanto alvo das instituições hegemônicas, já que ele representa a individuação do sujeito e, conseqüentemente, recai sobre ele a conduta pré-estabelecida aceita e conduzida a ser seguida. É sobre o corpo, também, que se instrumentaliza os modos de coerções sociais, os atos punitivos, ou seja, as leis sobre os modos de docilização.

Com intuito de principiar o debate, resgatamos uma conferência — transformada em livro posteriormente, intitulado “O corpo Utópico, As Heterotopias” — ministrada por Michel Foucault em 1966, no France-Culture, de onde podemos extrair algumas elucubrações feitas pelo pensador, com intuito de desvencilhar alegorias em torno de narrativas que evidenciam a existência dos corpos.

O corpo é também um grande ator utópico, quando se trata de máscaras, da maquiagem e da tatuagem. Mascaram-se, maquiarem-se, tatuarem-se não é, exatamente, como se poderia imaginar, adquirir outro corpo, simplesmente um pouco mais belo, melhor decorado, mais facilmente reconhecível: tatuarem-se, maquiarem-se, mascaram-se é sem dúvida algo muito diferente, é fazer com que o corpo entre em comunicação com poderes secretos e forças invisíveis. Máscara, signo tatuado, pintura depositam no corpo toda uma linguagem: toda uma linguagem enigmática, toda uma linguagem cifrada, secreta, sagrada, que evoca para este mesmo corpo a violência do deus, a potência surda do sagrado ou a vivacidade do desejo. A máscara, a tatuagem, a pintura instalam o corpo em outro espaço, fazem-no entrar em um lugar que não tem lugar diretamente no mundo, fazem deste corpo um fragmento de espaço imaginário que se comunicará com o universo das divindades ou com o universo do outro. Por ele,

seremos tomados pelos deuses ou seremos tomados pela pessoa que acabamos de seduzir. De todo modo, a máscara, a tatuagem, a pintura são operações pelas quais o corpo é arrancado de seu espaço próprio e projetado em um espaço outro (FOUCAULT, 2013, p.12).

Nota-se, portanto, que o corpo produz linguagem não apenas através das vozes geradas pelas cordas vocais, mas também por meio das expressões e adereços simbólicos desenvolvidos no próprio corpo. Isso significa que o corpo tem um papel importante no processo de significação na sociedade, uma vez que sempre foi um receptáculo de identidades, sentidos e saberes relacionados à postura subjetiva do indivíduo¹¹ no mundo. Além disso, na sua superfície, há um material simbólico que é constituído a partir das condições socio-históricas nas quais esses indivíduos são inseridos em determinado tempo e lugar. Essas condições estão articuladas, principalmente, com a possibilidade de realização, sendo, portanto, determinadas por grupos estratificados de poder.

Dessa forma, pode-se afirmar que o corpo não é apenas um objeto passivo, mas um agente ativo na construção da linguagem e da comunicação. É através dele que as pessoas expressam suas identidades e posicionamentos no mundo, criando e modificando significados sociais. É importante ressaltar, no entanto, que esses significados são influenciados por fatores históricos e culturais, e que a sua interpretação está sujeita às relações de poder que existem dentro da sociedade.

O corpo: superfície de inscrição dos acontecimentos (enquanto que a linguagem os marca e as idéias os dissolvem), lugar de dissociação do Eu (que supõe a quimera de uma unidade substancial), volume em perpétua pulverização. A genealogia, como análise da proveniência, está portanto no ponto de articulação do corpo com a história. Ela deve mostrar o corpo inteiramente marcado de história e a história arruinando o corpo (MACHADO, 1979, p. 22).

Entretanto, não somos capazes de conceber tal controle como algo definitivo ou totalizador, sem falha ou equívoco no seu processo de objetivação¹², visto que as resistências são possíveis e as subjetividades aparecem como forma de negar as determinações hegemônicas. Todavia, não podemos deixar de citar a governança e as determinações de valores que tais grupos desenvolveram no decorrer da história. Para tanto, resgatamos o entendimento

¹¹ Em alguns momentos usaremos o termo indivíduo em detrimento ao de sujeito. Tal uso é proposital e se faz na tentativa de explicitar as singularidades, ou seja, as capacidades subjetivas presentes no processo de formação do saber humano. Apesar de sabermos que tal processo encontra-se no âmbito de estratificação das instituições sociais que realizam ou que os conduzem, os movimentos particularizados são possíveis, a ocasionar também, resistência a essas conduções.

¹² A palavra objetivação é usada com intuito de compreender a dimensão hegemônica dos modos de formação dos saberes, diferentemente de subjetivação, que prevê a ruptura/a fissura desses mesmos sistemas.

de Foucault (1988) sobre como os dispositivos criam modelos corpóreos aceitos e legítimos, rejeitando-se os diferentes, de tal forma que se evidencia binarismos de conduta no plano de fundo desse funcionamento discursivo.

No funcionamento das regras de governo, articuladas pelo Estado em concordância com o discurso médico, notamos a inscrição de fenômenos no imaginário social. O binarismo entre *louco* e *são*, por exemplo, simboliza essa patologização da loucura e a convencionalização dos modelos legítimos de comportamento na sociedade. Durante o período de ascensão dos modelos liberais econômicos, o louco passa a ser visto como inútil, e conseqüentemente, excluído de ser compreendido como um sujeito com direitos e voz audível. Esses direitos são concedidos apenas aos considerados saudáveis. Essa construção é influenciada pela medicina, que tem um papel fundamental na definição de padrões de normalidade e patologias.

no meio do mundo sereno da doença mental, o homem moderno não se comunica mais com o louco; há, de um lado, o homem de razão que delega para a loucura o médico, não autorizando, assim, relacionamento senão através da universalidade abstrata da doença; há, de outro lado, o homem de loucura que não se comunica com o outro senão pelo intermediário de uma razão igualmente abstrata, que é ordem, coação física e moral, pressão anônima do grupo, exigência de conformidade. Linguagem comum não há; ou melhor, não há mais; a constituição da loucura como doença mental, no final do século XVIII, estabelece a constatação de um diálogo rompido, dá a separação como já adquirida, e enterra no esquecimento todas essas palavras imperfeitas, sem sintaxe fixa, um tanto balbuciantes, nas quais se fazia a troca entre a loucura e a razão (FOUCAULT, 2006, p.154).

Além dos sujeitos considerados loucos, é importante também destacar aqueles considerados criminosos. Durante o período que vai do século XVIII ao XIX, notamos transformações sociais decorrentes do desenvolvimento econômico ocasionado pela Revolução Industrial, que provocou um crescimento populacional significativo. Nesse contexto, o discurso de segurança que surge a partir do interesse do Estado em proteger-se passa a ser recebido pelas massas como um método para protegê-las. Como resultado, esse discurso se intensifica no tecido social. Ademais o discurso de segurança, muitas vezes, é utilizado como justificativa para a repressão de determinados grupos sociais. Durante a história, vimos como esse discurso foi usado para a opressão de minorias e para a legitimação de práticas autoritárias.

Além disso, é importante destacar que os modos de organização da governabilidade também mudaram nesses períodos. Antes, o criminoso era submetido ao suplício em praça pública e, dessa forma, condenado por seus delitos. Posteriormente, as instituições passaram a compreender o sujeito a partir da lógica da correção, ou seja, esse sujeito é submetido a práticas de reparação. Assim, o binarismo *criminoso x bom sujeito* surge com o intuito de separar as

más condutas ou punições realizadas pelos infratores das socialmente aceitas pelas instituições que os governam.

Em *Vigiar e Punir* (2014), Foucault pensa o corpo a partir das técnicas de suplícios desenvolvidas pelos modos de governabilidade, coerção e docilização. Segundo Foucault:

Uma “anatomia política”, que é também igualmente uma “mecânica do poder”, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). Em uma palavra: ela dissocia o poder do corpo; faz dele por um lado uma “aptidão”, uma “capacidade” que ela procura aumentar; e inverte por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita. Se a exploração econômica separa a força e o produto do trabalho, digamos que a coerção disciplinar estabelece no corpo o elo coercitivo entre uma aptidão aumentada e uma dominação acentuada (FOUCAULT, 2014, p.118).

O corpo, portanto, é o local onde as técnicas de disciplinamento das instituições se concentram. Essas técnicas são realizadas na esteira do funcionamento do biopoder, que visa regular e controlar a vida dos indivíduos. A biopolítica promove uma ideia de auto-regulação, ou seja, o sujeito é incentivado a se governar, o que facilita as estratégias de submissão das instituições sobre os indivíduos.

Um terceiro momento teórico desenvolvido por Foucault sobre as técnicas de dominação e controle do sujeito aparece com maturidade nos três volumes da obra *História da Sexualidade*, que foi um trabalho realizado já nos últimos momentos de sua vida, e que, por isso, não foi concluído.

Esta fase teórica de Foucault é caracterizada pela atenção que o autor dá às técnicas de normalização estabelecidas pelos dispositivos. Para Foucault, o dispositivo abrange todas as movimentações de sentido que emolduram as relações de poder e saber dentro de um quadro heterogêneo, que pode ser representado tanto por instituições como por leis, proposições filosóficas, enunciados científicos, dentre outros. Foucault define o dispositivo como "a rede que se estabelece entre esses elementos" (FOUCAULT, 1977, p.299-300).

Segundo Foucault, no primeiro livro sobre a *História da Sexualidade*, *A Vontade de Saber*, a sexualidade se tornou um objeto de controle e observação demasiados, e que esse mecanismo só foi possível a partir de sistemas de confissões. Esses sistemas realizam-se até hoje, entretanto, com menos frequência, e são os meios que as instituições encontraram para monitorar e controlar as subjetividades dos sujeitos.

Compreendemos, portanto, a confissão enquanto ato de compartilhar uma informação presente no interior de cada indivíduo e, por isso, passa a ser objeto de controle dos grupos de poder, como, por exemplo, a medicina e a religião, representados pelas figuras do psiquiatra e do padre. Tal controle incide sobre as técnicas de governo de si, uma vez que o sujeito se questiona sobre suas condutas — com base em uma sociedade com regras — serem ou não posturas legítimas no mundo e, para isso, recorre a figuras que organizam, determinam e oferecem o que pode e deve ser dito. Confirmamos a partir do que afirma Foucault em *História da Sexualidade, A Vontade de Saber*:

Mas, pode-se muito bem policiar a língua, a extensão da confissão e da confissão da carne não pára de crescer. Pois a Contra-Reforma se dedica, em todos os países católicos, a acelerar o ritmo da confissão anual. Porque tenta impor regras meticulosas de exame de si mesmo. Mas, sobretudo, porque atribui cada vez mais importância, na penitência — em detrimento, talvez, de alguns outros' pecados — a todas as insinuações da carne: pensamentos, desejos, imaginações voluptuosas, deleites, movimentos simultâneos da alma e do corpo, tudo isso deve entrar, agora, e em detalhe, no jogo da confissão e da direção espiritual (FOUCAULT, 1988, p.22).

Foucault, portanto, desenvolve seu pensamento a partir do entendimento de que o corpo é submetido às relações de poder. Além do mais, ele pensa o funcionamento do fator simbólico em torno do corpo a partir de uma verticalidade constitutiva, ou seja, de fatores históricos. Nessa perspectiva, os fatores de sentido se constroem em uma memória e são constantemente postos em relação uns aos outros. O corpo, portanto, resulta de um emaranhado de sentidos externos a ele, empilhados a partir do tempo e de fatores coexistentes. Nisso, todo sentido decorrente dele é da ordem da exterioridade, da alteridade, de alhures.

Mas o corpo é também diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder operam sobre ele uma influência imediata; elas investem contra ele, o marcam, o adestram, o suplicam, o constroem a trabalhos, o obrigam a cerimônias, cobram deles signos (FOUCAULT, 2005, p.25).

Nesse sentido, o processo de sedimentação dos saberes se organiza em uma perspectiva de vigilância, em um movimento ininterrupto de produção e administração de verdades, e nessa organização, o dispositivo de sexualidade elabora-se por vias tortuosas. Tais vias projetam-se no próprio funcionamento dessas linhas flexíveis que conectam os dispositivos uns aos outros.

Segundo Deleuze, o dispositivo, na filosofia foucaultiana, estrutura-se a partir de quatro aspectos, a saber: as curvas de visibilidade; as curvas de enunciação; atravessadas por linhas de força; e linhas de subjetividade, que são responsáveis pelos sistemas de circulação e manutenção dos saberes e poderes (DELEUZE, 1990, p.155-161). Entretanto, será nesta última,

que os dissensos se evidenciam e contrariam os mecanismos que atuam como produtores de verdade dentro do corpo social.

É importante, por isso, compreender a memória enquanto lugar essencial para construir os significados e os sentidos dos adereços simbólicos. Na memória, o histórico cruza com as formulações do momento em que se dá um determinado símbolo, e nisso sedimentam os sentidos. A memória, portanto, é o lugar onde constituem-se tanto os enunciados verbais quanto os verbo-visuais. Há, no funcionamento desse processo, uma combinação entre os elementos históricos e os discursos atualizados. Nisso, o sentido visibiliza-se – estruturado pelos grupos de poder – com intuito de cotejar saberes, e seguir caminhos sedimentados.

Por isso, a imagem, no processo dialógico, sempre resgata outras imagens, sendo, portanto, difícil, ou quase impossível, falar de sistemas pictóricos axiológicos originais, novos ou nunca relacionados a fatores preexistentes. Esta metodologia se faz necessária para compreender os sistemas constitutivos das imagens do simulacro cristão representadas por vozes resistentes apresentadas na última seção deste trabalho.

Logo, nossa empreitada aqui direciona-se a partir da tentativa de compreender corpos subalternizados em simulacros cristãos. Esses corpos, por serem marginalizados, são condenados à dessacralização, à profanação e ao suplício ideológico. Essa condenação ocorre pelas vozes dissonantes, mas tal dissonância não se realiza, pois, apenas pelo direcionar semântico que paira sobre a existência humana, e sim, por grupos de poder, que organizam dizeres, disputam saberes e orientam condutas. Essa organização, ou melhor, essa disputa pelo sentido, pelo direito ao dizer, arquitetado pelas instituições hegemônicas, dá-se com intuito de sacralizar seus discursos e saberes, a fim de manterem suas posições e perpetuar suas conjurações.

3.2 OS ENUNCIADOS EM FOUCAULT E BAKHTIN

Antes de tudo, não há possibilidade de falar em enunciado sem falar das regularidades enunciativas, ou, também, sem falar do contexto no qual se aplicam tais regularidades, ou seja, não há como falar de enunciado sem falar de formação discursiva. A formação discursiva, segundo Michel Foucault (2008), constitui-se a partir das condições dadas aos enunciados, e tais circunstâncias configuram-se em uma rede com várias dispersões e regularidades.

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção,

que se trata de uma formação discursiva - evitando, assim, palavras demasiado carregadas de condições e consequências, inadequadas, aliás, para designar semelhante dispersão, tais como "ciência", ou "ideologia", ou "teoria", ou "domínio de objetividade". (FOUCAULT, 2008, p.43).

A formação discursiva é, então, o meio pelo qual os enunciados se agrupam ou se dispersam na iminência de uma regularidade. E por isso, compreendemos enquanto fundamental a elucidação desse sistema com intuito de iniciar-se o debate em torno do conceito de enunciado.

O conceito de enunciado em Foucault é desenvolvido em seu livro “A Arqueologia do Saber” que compõe um capítulo exclusivo para defini-lo, denominado “Definir o enunciado”. Nessa empreitada, o filósofo francês principia com diligência o plano de conceituar teoricamente um objeto considerado, por ele mesmo, como fundamental para o seu trabalho. E, com isso, se questiona “Mas, de fato, de que falei até aqui? Qual foi o objeto de minha pesquisa? E estava em meus propósitos descrever o quê?” E responde categoricamente “Enunciados” (FOUCAULT, 2008, p.89). Dito isso, como podemos, então, dizer qual a definição exata de enunciado para Foucault?

Refletir sobre esse conceito incrusta, a princípio, em uma posição desconfortável, uma vez que Foucault não dá uma definição rudimentar sobre o enunciado, pelo contrário, ele inicia uma série de negações para defini-lo, ou seja, ele diz primeiramente o que o enunciado não é. Ele compreende o enunciado enquanto unidade elementar do discurso, e que tais unidades carregam traços distintivos que precisam ser pormenorizados. A princípio, ele diz que o que demarca a distinção dessas unidades é justamente a compreensão que se faz de algumas dimensões, como por exemplo, “[...] à que os lógicos designaram pelo termo proposição, à que os gramáticos caracterizam como frase, ou, ainda, à que os ‘analistas’ tentam demarcar sob o título speech act?” (FOUCAULT, 2008, p.91).

Segundo o pensador francês, o enunciado não se confunde com uma estrutura proposicional, e apresenta como exemplo dessa assertiva negativa, duas proposições semelhantes, mas, enquanto enunciados, distintos, a saber “‘Ninguém ouviu’ e ‘É verdade que ninguém ouviu’” (FOUCAULT, 2008, p.91). Para Foucault, temos aí duas estruturas enunciativas que podem ser inscritas em diferentes contextos ou situações, mas que, para a perspectiva lógica, são proposições que não há possibilidade de desvencilhá-las.

Há um segundo elemento, dito por Foucault, que pode ser confundido com um enunciado, esse elemento é a frase. De acordo com o que diz o filósofo da Arqueologia “Sempre que existe uma frase gramaticalmente isolável, pode-se reconhecer a existência de um enunciado independente; mas, em compensação, não se pode mais falar de enunciado quando,

sob a própria frase, chega-se ao nível de seus constituintes.” (FOUCAULT, 2008, p.92). Extraímos, a partir disso, uma assertiva semelhante ao que diríamos que “toda frase é um enunciado, mas nem todo enunciado é uma frase”, uma vez que, ainda segundo Foucault, “Quando encontramos em uma gramática latina uma série de palavras dispostas em coluna - amo, amas, amat -, não lidamos com uma frase, mas com o enunciado das diferentes flexões pessoais do indicativo presente do verbo amare.” (FOUCAULT, 2008, p.92).

O terceiro traço distintivo dado ao enunciado corresponde à comparação com o *Speech Acts*, o qual é constituído a partir de vários enunciados. Apesar de parecer ser o mais verossímil, segundo Foucault, é necessário que haja vários enunciados para que se constitua um *speech act*.

[...] certos atos ilocutórios só podem ser considerados como acabados em sua unidade singular se vários enunciados tiverem sido articulados, cada um no lugar que lhe convém. Esses atos são, pois, constituídos pela série ou soma desses enunciados, por sua necessária justaposição; não se pode considerar que estejam inteiramente presentes no menor deles, e que se renovem com cada um. Aqui também não se poderia estabelecer uma relação biunívoca entre o conjunto dos enunciados e o dos atos ilocutórios (FOUCAULT, 2008, p.94).

Essas premissas desenvolvidas por Foucault sobre o que o enunciado não é servem para nos apresentar uma definição mais complexa. Entretanto, antes disso, ele explicita a relação constitutiva que o enunciado tem a partir do signo, já que este é necessário para existência daquele. “O limiar do enunciado seria o limiar da existência dos signos.” (FOUCAULT, 2008, p.95).

O enunciado não é, pois, uma estrutura (isto é, um conjunto de relações entre elementos variáveis, autorizando assim um número talvez infinito de modelos concretos); é uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos, e a partir da qual se pode decidir, em seguida, pela análise ou pela intuição, se eles “fazem sentido” ou não, segundo que regra se sucedem ou se justapõem, de que são signos, e que espécie de ato se encontra realizado por sua formulação (oral ou escrita). Não há razão para espanto por não se ter podido encontrar para o enunciado critérios estruturais de unidade; é que ele não é em si mesmo uma unidade, mas sim uma função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que faz com que apareçam, com conteúdos concretos, no tempo e no espaço (FOUCAULT, 2008, p.98).

Consideramos, portanto, o termo “função de existência” enquanto base sustentável da compreensão do enunciado. Além do mais, essa função cruza uma ascendência de estruturas e unidades possíveis de visibilidade. O enunciado, nesse sentido, está na ordem da exterioridade, em que o acontecimento e as possibilidades são dimensões apriorísticas de sua existência. Um questionamento interessante que Foucault faz, na Arqueologia, sobre a descrição de acontecimentos do discurso é “como apareceu um determinado enunciado, e não outro em seu lugar?” (FOUCAULT, 2008, p.30).

A análise do campo discursivo é orientada de forma inteiramente diferente; trata-se de compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites da forma mais justa, de estabelecer suas correlações com os outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação exclui. Não se busca, sob o que está manifesto, a conversa semi-silenciosa de um outro discurso: deve-se mostrar por que não poderia ser outro, como exclui qualquer outro, como ocupa, no meio dos outros e relacionado a eles, um lugar que nenhum outro poderia ocupar. A questão pertinente a uma tal análise poderia ser assim formulada: que singular existência é esta que vem à tona no que se diz e em nenhuma outra parte? (FOUCAULT, 2008, p.31).

O que nos interessa, portanto, nos estudos foucaultianos, é a inscrição de um enunciado no lugar de outro. Essa citação de Foucault é importante para compreendermos uma análise de enunciado pautada na observação de sua singular existência, ou nas palavras do filósofo “na estreiteza e singularidade de sua situação”, de elucidar, também, “suas correlações com outros enunciados a que pode estar ligado”. Esses dois excertos são essenciais para estabelecermos uma relação com a compreensão de enunciado para o Círculo bakhtiniano. Versamos, agora, uma breve abordagem sobre o conceito de enunciado segundo Bakhtin e o Círculo do qual fez parte.

Bakhtin e o Círculo, por sua vez, compreendem o enunciado como uma unidade materializada da comunicação, e que cada grupo possui seu próprio repertório a depender da época e do estrato social. Além disso, sua inscrição se dá, ou melhor, se efetua, a partir do acontecimento, ou seja, o enunciado, para o Círculo, é a materialidade do sentido direcionada ao outro — o enunciado ocorre na efetivação do ato ilocucionário. Por isso, falar-se-á sempre em interação verbal quando a tentativa for defini-lo. Volóchinov diz que

Cada época e cada grupo social possui o seu próprio repertório de formas discursivas da comunicação ideológica cotidiana. Cada grupo de formas homogêneas, ou seja, cada gênero discursivo cotidiano, possui seu próprio conjunto de temas. Existe uma unidade ininterrupta e orgânica entre a forma da comunicação (por exemplo, a comunicação direta e técnica no trabalho), a forma do enunciado (uma réplica curta relacionada ao trabalho) e o seu tema. Portanto, a classificação das formas do enunciado deve apoiar-se na classificação das formas de comunicação discursiva (VOLÓCHINOV, 2018, p.109).

O enunciado, nessa visão, adapta-se ao contexto e aos modos de pensar-se em determinado tempo e lugar, ou melhor, a partir das necessidades comunicativas de seu cronotopo. Além do mais, o enunciado não pode ser desvencilhado de seu princípio dialógico, seu funcionamento realiza-se no movimento de alteridade, ou seja, o enunciado é sempre responsivo, mesmo que monológico. Por esse motivo, a participação do outro no processo enunciativo é fundamental para produção de sentidos, uma vez que as negociações desses

sentidos ocorrem em ato, no evento enunciativo. Logo, a partir do que diz Bakhtin (1997), a língua apenas se efetua através do enunciado, sejam *orais e escritos, concretos e únicos* que são possíveis e realizam-se apenas *na esfera da atividade humana*.

O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua — recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais —, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolivelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso (BAKHTIN, 1997 p.280)

O enunciado, portanto, segundo Bakhtin, constitui-se de três elementos: o conteúdo temático, estilo e construção composicional. Mesmo que um enunciado seja considerado isoladamente, ainda assim, faz parte de um universo de estratos sociais cujos sentidos que o constituem já preexistem, ou seja, ele realiza-se a partir de *tipos relativamente estáveis* — denominação dada por Bakhtin ao que conhecemos como gêneros do discurso. Em Pereira e Rodrigues (2022) encontramos o conceito de enunciado de modo substanciado.

É a unidade real da comunicação verbal, no pensamento dialógico, em razão de que o discurso existe na realidade concreta dos enunciados dos indivíduos. Em função disso, o discurso se molda às formas dos enunciados que pertencem aos sujeitos e não tem sua existência apartada dessas formas. Desse modo, o enunciado é endereçado ao outro, que não é um indivíduo privado de palavras, mas constituído em processo responsivo, no qual se tem a mediação de um discurso interior em intercâmbio com um discurso exterior orientado por um itinerário de compreensão da palavra alheia até que se torne palavra própria. Isto é possibilitado pelo diálogo, na relação de alteridade, em que o sujeito vivencia enunciados outros e mantém atitude responsiva, mesmo experimentando uma compreensão responsiva ativa muda ou como ato-resposta originado de certa compreensão (ARAÚJO E PEREIRA, 2022, p.75).

O processo enunciativo, portanto, apenas se efetiva na interação verbal e, por isso, concebemos esse processo como um sistema de alteridade, em que falantes de uma determinada língua usam códigos conhecidos para estabelecer um elo comunicativo. Ao falar de enunciado, entretanto, não se pode deixar de comentar a importância do fenômeno dialógico para seu entendimento, uma vez que a interação discursiva, para o Círculo, se efetua na relação bivocal que existe entre interlocutores. O dialogismo, portanto, é um fenômeno alteritário, em que interlocutores compartilham ideologias através de um signo linguístico.

O signo, por sua vez, transporta traços do contexto que foi articulado, ou nos termos da perspectiva dialógica de linguagem, do seu lugar valorativo, e é por isso que dizemos que todo signo é ideológico. Esse contexto é evidenciado no ato enunciativo, ou seja, na enunciação —

o sujeito compartilha um determinado signo, em determinada situação, através de sua ideologia e a partir do lugar social no qual está inserido. Logo, esse processo determinará seu posicionamento axiológico e seu lugar valorativo. Volóchinov (2018) diz que “qualquer corpo físico pode ser percebido como a imagem de algo”, um objeto qualquer pode refratar uma religião, um pensamento, uma ideologia.

Do mesmo modo, um produto de consumo pode ser transformado em um signo ideológico. Por exemplo, o pão e o vinho se tornam símbolos religiosos no sacramento da comunhão cristã. No entanto, o produto de consumo por si só não é um signo. Os produtos de consumo, assim como os instrumentos, podem ser relacionados aos signos ideológicos, mas nessa relação não se apaga a evidente fronteira semântica entre eles (VOLÓCHINOV, 2018, p. 93).

O objeto proposto para o processo analítico deste trabalho, a exemplo da iconografia cristã da crucificação, pode ser considerado um signo ideológico, uma vez que carrega traços valorativos cujo sentido muda de acordo com o contexto o qual foi efetuado sua aparição. Nesse sentido, não temos como dissociar o signo da ideologia, “Onde não há signo também não há ideologia” (VOLÓCHINO, 2018, p.91). Além do mais, o signo é a materialização da ideologia, e pode ser compreendido como um fenômeno externo. Volóchinov (2018) nos ensina que o signo ultrapassa as fronteiras de representação da vida cotidiana, ou melhor, não se restringe apenas ao reflexo ou sombra da realidade, mas que se constitui enquanto parte integrante dessa realidade. Além disso, os indivíduos precisam estar *socialmente organizados*, ou seja, devem fazer parte de uma coletividade para o fenômeno sógnico efetuar-se entre o meio social (VOLÓCHINOV, 2018, p.97).

O entendimento sobre o enunciado está ancorado na perspectiva da exteriorização da expressão sógnica, e seu funcionamento ocorre, segundo Volóchinov (2018), “em duas direções: na direção do sujeito ou a partir dele na direção da ideologia”. A primeira direção do enunciado é *puramente psicológica*, uma vez que o indivíduo ouvinte de um determinado enunciado, ao exercer seu processo de assimilação, relaciona os signos exteriores ao seu contexto interior. Já a segunda direção é *puramente ideológica*, pois assim como elucidado anteriormente, a expressão sógnica carrega traços axiológicos que decorrem de uma construção histórica que funciona em uma memória social.

Volóchinov (2018) diz que “Essa síntese dialética viva entre o psíquico e o ideológico, entre o interior e o exterior, se realiza sempre reiteradamente na palavra, em cada enunciado, por mais insignificante que seja”. Essa relação dialética entre o psíquico e o ideológico é o motivo pelo qual ocorre a disputa pelo domínio do sentido da expressão sógnica. Já que é a

partir desse embate, que se evidencia o lugar social do sujeito e seu posicionamento valorativo, sendo responsável pela relação polêmica entre as divergentes vozes sociais que compõem a tessitura axiológica. Além do mais, Volóchinov (2018) diz que "qualquer enunciado real, em um grau maior ou menor e de um modo ou de outro, concorda com algo ou nega algo". Assevera, também, que os contextos não se colocam lado a lado sem que não percebam a existência um do outro, que ao contrário disso "estão em estado de interação e embate tenso e ininterrupto" (VOLÓCHINOV, 2018, p.197).

Segundo as concepções do Círculo bakhtiniano, o enunciado é um elemento central para os estudos linguísticos. Ademais, a compreensão desse conceito não pode estar separada dos fatores externos à língua, ou seja, de questões sociais e ideológicas, uma vez que o contexto social é base fundamental para construção do sentido do enunciado. Seu funcionamento ocorre a partir das relações dialógicas, da interação verbal na vida cotidiana, em que são evidenciados os atos responsivos com posicionamentos axiológicos e/ou tons valorativos.

A primeira aproximação que podemos fazer entre as correntes teóricas desses pensadores (Foucault, Bakhtin e Volóchinov) sobre o conceito de enunciado está associada ao signo linguístico. Tanto Foucault quanto Bakhtin e Volóchinov compreendem o enunciado a partir de sua categoria concreta — ou seja, sua existência se dá a partir do signo. Reiteramos o que diz Foucault (2008) no trecho “O limiar do enunciado seria o limiar da existência dos signos.”; Volóchinov (2018), por sua vez, exprimiu “Onde não há signo também não há ideologia”. É importante ressaltar que os dois pensadores fazem parte de momentos históricos e lugares distintos, e que Foucault, no que lhe concerne, não trabalha com o conceito de ideologia, nem mesmo se coloca em um lugar materialista — no sentido teórico da palavra — pelo contrário, ele evita desenvolver uma teoria em tal lugar, uma vez que tem diversas críticas à epistemologia que desafia o antagonismo de classes.

Outra aproximação que podemos elucidar diz respeito ao entendimento de enunciado enquanto elemento relacional, que tem relação direta ou indireta com outros enunciados, já que nenhum enunciado pode existir isoladamente, ou como um fenômeno incipiente. Repisamos outro trecho em que Foucault (2008) postula que é fundamental para o enunciado “[...] estabelecer suas correlações com os outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação exclui.”. O Círculo, nessa perspectiva, aborda o enunciado a partir de sua dimensão dialógica, sua função alteritária, logo, também é compreendido a partir da ligação que um enunciado estabelece com outro.

Compartilhamos, a seguir, um trecho em que Volóchinov argumenta sobre a singularidade do enunciado, mas que, entretanto, em sua existência, há elementos de outros

enunciados “Todo ato criativo individual, todo enunciado é individual e único, porém em todo enunciado há elementos idênticos aos dos outros enunciados de um dado grupo discursivo” (VOLÓCHINOV, 2018, p.155). Nesse excerto do pensador russo, em que diz “todo enunciado é individual” notamos outra aproximação ao entendimento de enunciado para Foucault (2008), “[...] trata-se de compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação”, ambos pensadores entendem o enunciado como fenômenos singulares, mas que mantêm relações com outros enunciados.

O enunciado é um elemento relacional que está diretamente ou indiretamente ligado a outros enunciados, ou seja, nenhum enunciado existe de forma isolada. Essa perspectiva é compartilhada por Foucault e pelo Círculo Bakhtiniano, que consideram a dimensão dialógica e alteritária do enunciado, ou seja, sua relação com outros enunciados e sua função na interação social.

Além disso, Volóchinov destaca a singularidade do enunciado, mas também sua relação com outros enunciados dentro de um grupo discursivo, o que reforça a ideia de que o enunciado é um elemento que se mobiliza em uma rede de relações discursivas. Ambos os pensadores entendem o enunciado como um fenômeno singular e, ao mesmo tempo, relacionado a outros enunciados em sua situação particular.

Assim, a mobilização dos enunciados em uma abordagem analítica requer a compreensão da sua dimensão relacional e da sua singularidade situacional. Isso implica em considerar não apenas o enunciado em si, mas também seus contextos e as relações discursivas estabelecidas entre eles. A análise dos enunciados deve levar em conta tanto as características singulares quanto as relações discursivas estabelecidas entre eles, de modo a compreender o papel que desempenham na construção do sentido em uma determinada situação comunicativa.

4 A ICONOGRAFIA CRISTÃ SOB O OLHAR DAS VOZES SUBALTERNIZADAS

*Eu sou da estação primeira de Nazaré
Rosto negro, sangue índio, corpo de mulher
Moleque pelintra no buraco quente
Meu nome é Jesus da gente [...]*

*[...] Mas será que todo povo entendeu o meu recado?
Porque, de novo, cravejaram o meu corpo
Os profetas da intolerância*

Samba-enredo da Mangueira, 2020

Nesta seção, nos ateremos a desenvolver uma análise das representações da iconografia cristã a partir dos corpos subalternizados. Como já exposto, enfatizamos duas materialidades discursivas: a performance da travesti Viviane Beleboni, na Parada do orgulho LGBT de São Paulo¹³, e as performances, adereços, e simulacros do desfile da escola de samba Mangueira. A direção dos sentidos proveniente dessas duas materialidades se organiza em uma perspectiva multiforme; ou seja, as recepções desses discursos são diversas, com olhares corroborativos em relação a suas intencionalidades, mas também com visões contraproducentes providas de instituições hegemônicas, principalmente, no que diz respeito ao controle sobre as opiniões e até mesmo no que concerne à formação delas.

A refração da iconografia cristã sempre foi uma prática restrita a poucos, uma vez que se trata de um exercício proveniente de uma doutrina religiosa. Entretanto, os que podem exercer a prática de refração dessa iconografia não são todos os sujeitos pertencentes a essa doutrina, apenas um grupo minoritário tem singular aprovação. Essa assertiva se confirma no decorrer desta pesquisa, pois, colhemos materiais de grupos religiosos e representantes de algumas das tantas tendências que essa doutrina abarca, atacando sujeitos que exercem a refração da iconografia. Os sujeitos que são atacados são sujeitos de identidades subalternizadas, a exemplo das pessoas transgêneros e de pessoas negras. Há, através disso, uma preocupação inerente à pesquisa, que é compreender a razão pela qual essas pessoas não podem refratar a iconografia cristã como as demais.

¹³ O uso do termo LGBT em detrimento ao do LGBTQIA+ se faz devido ao nome do evento que permanece sendo “Para do orgulho LGBT de São Paulo”, evento que ocorre desde 1997, tendo sua primeira realização no dia 28 de junho. In: <http://memorialdademocracia.com.br/card/parada-lgbt-de-sp-no-guiness-book#:~:text=A%20primeira%20Parada%20do%20Orgulho,paradas%20semelhantes%20no%20pa%C3%ADs%20tamb%C3%A9m.>

No Círculo, especialmente nas ideias de Volóchinov (2018) sobre o signo ideológico, é enfatizado seu valor refratário a partir do centro axiológico o qual faz parte em determinado evento enunciativo, e que tal refração do signo, portanto, ocorre de maneiras variadas, seja por meio da estabilização do enunciado, ou até mesmo a partir da distorção da realidade. Além do mais, sua existência pressupõe sistemas ideológicos específicos que carregam a marca valorativa de cada sujeito. Volóchinov nos ensina que é essencial compreendermos que todo material significativo é acompanhado pela refração ideológica, e que este é um fenômeno obrigatório, “Qualquer refração ideológica da existência em formação, em qualquer material significante que seja, é acompanhada pela refração ideológica na palavra: fenômeno obrigatório concomitante.” (VALÓCHINOV, 2018, p.101). A iconografia cristã, portanto, refratada por sujeitos subalternizados — marcados por índices de valor, ou seja, sistemas axiológicos — nos ajudam a compreender que a realidade é moldada por nossas crenças e valores, e ao falar de “refração ideológica”, Volóchinov (2018) nos ensina que a linguagem não é neutra, mas sim influenciada pelas ideologias que formam o tecido social.

A resposta resultante dessa inquietação, a princípio, parece simples. Podemos pontuar que é a partir do domínio da imagem de Cristo que tais grupos fortalecem suas posições e se assentam em lugares de poder. Há um emaranhado de práticas políticas e históricas que denunciam a funcionalidade do discurso cristão como método de docilização e formatação dos corpos. Não se trata de uma prática horizontal que ocorreu apenas em tempos modernos, mas sim de um exercício vertical que ultrapassou gerações e se robustece até os dias de hoje.

O uso do discurso cristão por sujeitos de identidades subalternizadas causa desconforto ou repulsa por parte dos grupos que o detém. Logo, identificamos esse embate a partir de duas categorias: os grupos que possuem permissão e os que não possuem, a primeira categoria diz respeito i) ao sujeito branco, cisgênero e classe média/alta que segue padrões heteronormativos, no caso desse sujeito, a permissão é concedida sem adversidade alguma; ii) e temos, por outro lado, o sujeito não cisgênero, ou seja, transsexual, que foge à normatividade imposta, como também, o homem negro ou a mulher negra e o/a sujeito(a) em situação de pobreza, estes, por sua vez, não recebem “aval” para falar sobre Cristo, ou mesmo representá-lo, por isso, a partir dessa segunda categoria, convencionamos a denominá-los enquanto sujeitos de identidades subalternizadas.

Esse pensamento se confirma, pois, a partir da materialidade apresentada neste trabalho, uma vez que sinalizamos os sujeitos de identidades subalternizadas fazendo uso do exercício de refração da imagem cristã em lugares públicos e, por isso, sendo alvos de ameaças e ataques por parte de figuras políticas e religiosas. Observamos, a partir disso, um problema agravante

no que concerne ao tratamento dado a essas pessoas. Não teriam, todos os cristãos, direito sobre a imagem de Cristo? Qual a legitimidade da violência dada aos subalternizados devido ao uso da iconografia cristã? A verdade é que não há legitimidade alguma para esse tipo de atitude. Essas práticas ocorrem devido ao antagonismo das estratificações sociais, já que para conjurar os poderes, tais grupos necessitam do domínio do sentido, ou seja, do domínio discursivo-ideológico. No entanto, para que sua efetivação seja concretizada, opera-se por meio do outro o mecanismo de dominação não apenas dos corpos, mas também dos discursos e até mesmo na manutenção das subjetividades. Assim, podemos afirmar que a representação da imagem de Cristo é submetida ao crivo de "autoridades" religiosas legitimadas pelo sacerdócio.

4.1 A ICONOGRAFIA CRISTÃ

O ícone, palavra que aqui se refere à imagem, constitui-se de alguns sentidos distintos. Segundo o Dicionário de Língua Portuguesa Michaelis, a palavra ícone tem, a princípio, quatro sentidos: i) “Imagem sacra, representada de forma artística, em superfície plana, nas igrejas orientais.”, este primeiro sentido é o que nos desperta mais atenção, tendo em vista que o material utilizado para estudo e análise coletados neste trabalho diz respeito à representação de imagens cristãs; ii) “Pessoa ou coisa que faz alusão ao que é mais característico ou representativo nela...” já essa segunda definição diz sobre a caracterização de alguma pessoa ou coisa enquanto ídolo de determinado estrato cultural; iii) “Signo que faz analogia com o objeto a ele relativo...”; o terceiro sentido, por sua vez, se constitui de modo semiológico, ou seja, ícone enquanto símbolo que caracteriza algo ou alguém; iv) “Pequena figura na tela de computador que representa certa operação ou sistema que pode ser acionado ao ser clicado pelo mouse...” a última definição, segundo o dicionário Michaelis, desenvolve-se no universo da informática, e pode ser usado enquanto porta de acesso para entrar em lugares dentro da própria internet.

Todas essas definições se complementam quando a trazemos para o contexto da pesquisa, destacando a noção de ícone como “imagem sacra representada de forma artística”, ou até mesmo “pessoa ou coisa que faz alusão ao que é característico nela”, “signo que faz analogia”, “pequena figura na tela de computador...”. Os ícones cristãos referidos neste trabalho — refratados por sujeitos de identidades subalternizadas, como a transexual representando a imagem de Cristo de maneira artística, assim como as pessoas negras no desfile da Mangueira simbolizando o discurso cristão através de seus corpos — se justapõem às definições de ícone apresentadas pelo dicionário Michaelis.

Consideramos, agora, compreender o ícone cristão a partir do seu processo de historicização, o qual passou por várias transformações no decorrer do tempo. A história da iconografia cristã se constitui a partir de várias gerações e foi/é reflexo de várias disputas de poder. Vale destacar, todavia, que os primeiros registros acerca da imagem de Cristo ocorreram sob a influência da crença em torno do conhecido lenço denominado Mandílio, do latim *Mandylium*, ou Imagem de Edessa¹⁴. Essa imagem — considerada pela Igreja Ortodoxa como a primeira imagem de Cristo, e segundo as crenças cristãs, feita de forma milagrosa, chamada de *acheiropoieta*¹⁵, nome dado às imagens que não são feitas por mãos humanas, ou seja, materializada em superfícies de forma divina — foi convencionada a ser entendida como a primeira imagem de Cristo em modos de refração ou representação.

Entendemos, portanto, que a imagem de Cristo passa por um processo simbólico de representação divina. Esse processo simbólico construído em torno do ícone se tornará com o tempo, um meio pela qual a igreja¹⁶ sustentará suas divindades religiosas. Entretanto, no decorrer das gerações, depois da ascensão da igreja católica no continente europeu, houve um processo de apropriação e branqueamento da imagem de Cristo pelos iconógrafos. Esse processo foi realizado em virtude do interesse das entidades religiosas europeias em representar Cristo a partir de suas próprias fisiognomias¹⁷. Para Courtine e Haroche, há um deslocamento do conceito de fisiognomia para as relações sociais e psicológicas, com intuito de pensar-se sobre o reconhecimento do ser interior com o ser exterior, uma vez que, para os pensadores, “Existe uma ligação entre a interioridade escondida e a exterioridade manifesta” (COURTINE; HAROCHE, 2007, p.35).

O homem se divide em dois: invisível e visível, homem interior e homem exterior. Existe uma ligação entre a interioridade escondida e a exterioridade manifesta. Os movimentos das paixões que habitam o homem interior deixam-se notar na superfície dos corpos. A fisiognomia antiga faz da relação entre alma e corpo uma relação entre o dentro e o fora, o oculto e o manifesto, o moral e o físico, o conteúdo e o envelope, a paixão e a carne, a causa e o efeito. Uma face do homem escapa ao olhar. A fisiognomia pretende suplantar essa falta ao construir uma rede de equivalências

¹⁴ Informação disponível em: <https://artsandculture.google.com/entity/m02v3bx?hl=pt>

¹⁵ Definição disponível em: <https://educalingo.com/pt/dic-de/acheiropoieta>.

¹⁶ Referimo-nos à igreja católica.

¹⁷ O uso do termo fisiognomia foi utilizado de maneira proposital com intuito de pensarmos a figura europeia como modelo de representação da iconografia cristã a partir dos seus traços físicos — cor e forma — além dos traços expressivos. Pouco se fala sobre o surgimento do termo “fisiognomia”, mas para compreender melhor este conceito, sugerimos a leitura da dissertação de Rui Carlos Pinto Ferreira intitulada “Retrato e Fisiognomia: recriação de personagens com base no seu retrato literário.” publicada pelo repositório da Universidade de Lisboa. Em texto, o pesquisador conceitua, a partir de referências, o termo fisiognomia como “[...] uma ciência, assim considerada por quem sobre ela escreve, que visa estabelecer uma lista de principais tipos de caráter (BLACKBURN, 2008, p.8). É uma janela para conhecermos o interior e a natureza de quem nos rodeia (WILLIS, 1889, p.17). Trabalha sobre o rosto em repouso, e sem este estar sob ação de emoções ou paixões.” (FERREIRA, 2015, p.19).

entre o detalhe das superfícies e das profundezas. A ciência das paixões é uma ciência do invisível (COURTINE; HAROCHE, 2007, p. 35).

Fisiognomonía, portanto, nos interessa em decorrência da compreensão constitutiva histórica da imagem de Cristo enquanto um homem branco. O processo de embranquecimento pelo qual Jesus Cristo passou pode ser compreendido, a partir dos postulados da fisiognomonía, como um constructo de “causa e efeito” (COURTINE; HAROCHE, 2007, p. 35).

Ademais, segundo a especialista em história da arte, Anna Swartwood House, em um artigo intitulado “The long history of how Jesus came to resemble a white European”¹⁸ e publicado originalmente pelo site “The Conversation” e traduzido, no Brasil, pela Revista Galileu¹⁹

[...] a imagem mais reproduzida de todos os tempos de Jesus vem de outro período. É a “Cabeça de Cristo” que tem cabelos claros e foi feita em 1940 por Warner Sallman. Um ex-artista comercial que criou arte para campanhas publicitárias, Sallman vendeu com sucesso esta imagem em todo o mundo (SWARTWOOD, 2020).

A especialista em história da arte diz ainda que “Enquanto os europeus colonizavam terras cada vez mais distantes, eles levavam um Jesus europeu com eles. Os missionários jesuítas estabeleceram escolas de pintura que ensinavam aos convertidos a arte cristã em modelo europeu.” (SWARTWOOD, 2020). A partir disso, podemos observar que se construiu no imaginário social, a figura de Jesus Cristo enquanto branco europeu. A história da iconografia cristã carrega, portanto, o resultado das disputas ideológicas, uma vez que o resultado dessa disputa solidifica a manutenção dos meios de dominação. Por isso, é através da arte sacra, que podemos evidenciar, hoje, um resultado sedimentado no que diz respeito aos que podem falar sobre e representar Cristo.

Essa mentalidade explica o porquê das reações antagônicas a qualquer tentativa de representação de Cristo diferente do homem europeu branco. Abordamos, nesta dissertação, representações cristãs realizadas por pessoas marginalizadas/subalternizadas historicamente. Adotamos, também, como perspectiva, a tentativa de elucidar as recepções violentas que tais representações sofreram por parte de grupos hegemônicos. Mas antes, compreendamos na seção seguinte, o conceito de subalternizados, para assim, principiarmos a análise de tais materialidades.

¹⁸ Tradução da Revista Galileu: “Como Jesus Cristo passou a ser representado como um europeu branco.”.

¹⁹ In: <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/Historia/noticia/2020/08/como-jesus-cristo-passou-ser-representado-como-um-europeu-branco.html>

4.2 OS SUBALTERNIZADOS

*Pode um subalternizado falar?*²⁰ O uso do termo subalterno é feito por vários pesquisadores da atualidade, a exemplo da estudiosa indiana Gayatri Spivak (2010), e do historiador do subcontinente indiano Ranajit Guha (1988), integrantes e fundadores do grupo que convencionou-se chamar de *Subaltern Studies*. O conceito de subalterno se refere — segundo definição retirada do google, a qual se fundamenta a partir do dicionário *Oxford Languages* — à “que ou aquele que está sob as ordens de outro, que é subordinado ou inferior a outro em graduação ou autoridade”. Trazer Spivak para este trabalho nos coloca em posições embaraçosas, pois, seu posicionamento crítico basilar é renegar a filosofia compreendida como pós-estruturalista, especialmente a partir das figuras de Deleuze e Foucault²¹, uma vez que este último é um pensador necessário para desenvolvimento de algumas ideias aqui assumidas. No entanto, não temos interesse em formar um tecido homogêneo teórico, cujas limitações em cruzar conceitos se fazem evidentes, mas sim, aproximar o que pode ser aproximado e distanciar o que deve ser distanciado, respeitando cada pensador e pesquisador no que diz respeito a sua filosofia, mesmo com seus sentidos díspares.

Spivak (2010), no que lhe concerne, desenvolve seu pensamento a partir do lugar valorativo revolucionário, em que sua preocupação é dar aos subalternizados o direito de falar por si, em construir sua própria história. O que se encaixa, também, ao movimento de decolonialidade, pensamento que propõe que se proceda a um corte epistemológico na filosofia de base eurocêntrica. Essa prática decolonial se faz presente na pesquisa de maneira analítica e refratária, já que abordamos a imagem de Jesus Cristo contada pelas vozes subalternizadas, questionando a construção da fisiognomonía europeia.

Em relação à pergunta feita no início do parágrafo anterior, dispusemo-nos da ideia de que, atualmente, há uma facilidade maior de representação e visibilidade do discurso dos sujeitos considerados subalternos, o que não significa que tais vozes não possam sofrer ataques

²⁰ “Pode um subalterno falar?” é o título da obra da filósofa indiana Gayatri Chakravorty Spivak, com sua tradução publicada em Belo Horizonte, pela editora da UFMG, no ano de 2010. Houve, no entanto, uma alteração no termo “subalterno” para “subalternizado” em sua aplicação no início do texto. Um gesto proposital, pois a leitura que fazemos corrobora com a ideia de que as pessoas são subalternizadas e não subalternas, já que há um direcionamento social que as colocam nesses lugares.

²¹ O debate que Spivak desenvolve acerca de suas críticas aos pós-estruturalistas — especialmente Foucault, Deleuze e Guattari — é bastante complexo e requer uma leitura dedicada e atenciosa. No entanto, não abordaremos com profundidade tal divergência filosófica, uma vez que os interesses da pesquisa são outros. Trazemos Spivak — mesmo com a possibilidade de “contradições teóricas” para o trabalho — de maneira proposital, já que a filósofa indiana é referência nos estudos de subalternidades, e deixar de lado tamanha referência poderia colocar-nos em posições que silenciam ou deixam de lado pensamentos que questionam as hierarquias de poder — cujo sentido principal é reescrever a história a partir dos povos subalternizados e abdicar das epistemologias de base eurocêntrica.

e sistemas de silenciamento através de linhas de força. Obviamente que não se pode generalizar uma prática tão subjetiva como é o caso do direito à voz. No caso do grupo *Subaltern Studies*, a crença é de que o subalterno não pode falar, tendo em vista que o discurso oficial²² sobre determinada cultura não visa dar voz aos grupos marginalizados.

A marginalização dos sujeitos na sociedade ocorreu a partir do índice de determinação dos lugares de poder; nisso, segrega-se os sujeitos que podem e os que não podem falar. Certamente que há furos e resistências no modo como as massas subalternizadas se comportam perante a desigualdade social. A essas massas, nos referimos aos povos negros, que historicamente sofreram e sofrem represália das estratificações hegemônicas; dos povos LGBT's que foram/são considerados pelo discurso conservador religioso enquanto sujeitos do sacrilégio; das mulheres que, segundo a cultura patriarcal, foram reservadas ao cuidado do lar e, conseqüentemente, ao silêncio profundo do existir.

Podemos citar, por exemplo, o material coletado neste trabalho que representa o discurso religioso a partir de sujeitos marginalizados. O discurso da crucificação sendo representado por uma mulher trans, homens negros e pessoas em situações de carência financeira. Todos esses discursos realizaram-se em lugares públicos e foram, posteriormente, propagados em redes sociais, o que não faz dessas pessoas não mais subalternizadas ou marginalizadas²³, pois seus discursos ainda são recepcionados por uma violência estigmatizante.

4.3 A PERFORMANCE DA MULHER TRANS CRUCIFICADA

A performance da encenação da crucificação de Cristo realizada pela atriz Viviany Belebony correu no ano de 2015, na parada do orgulho LGBT²⁴ de São Paulo. No ano seguinte, todavia, uma notícia se propaga com atenção nas redes sociais sobre a performance que ocorreu em um trio elétrico. O título da notícia dizia: “Transexual é intimada a depor por ‘crucificação’ em parada Gay de 2015.”²⁵. A matéria dizia ainda no subtítulo que: “Associação das Igrejas

²² Os Estudos Subalternos Sul-asiáticos se referem ao *discurso oficial* para exemplificar como a história dos povos indianos foi construída por pesquisadores ideologicamente demarcados e figurados enquanto normatizados do ponto de vista patriarcal, ou seja, homens brancos e heterossexuais.

²³ Essa assertiva diz respeito ao processo físico e concreto que as pessoas subalternizadas têm ao enunciar determinado discurso, no caso, o dizer ocorre independentemente da legitimidade atribuída a elas, ou seja, a realização e concretude do dizer — o ato enquanto evento — não as torna menos subalternizadas.

²⁴ A Sigla LGBT - Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transsexuais é usado sem atualização para LGBTQIA+ devido ao nome dado à parada em São Paulo.

²⁵ Matéria disponível in: <https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/06/transexual-e-intimada-depor-por-crucificacao-em-parada-gay-de-2015.html>

Evangélicas move ação contra Viviany Beleboni"²⁶. Atriz ganhou notoriedade depois de desfilar 'crucificada' em evento”.

O enunciado da matéria do site G1 iniciado nesta seção — “Transexual é intimada a depor por ‘crucificação’ em parada Gay de 2015.” — apresenta-se imbricado a partir de vários sentidos; a princípio, podemos ler como uma forma de descortinar o tratamento que a atriz, assim como os sujeitos os quais ela representa, recebem após atos político-artísticos que façam uso de adereços religiosos, como também, a criminalização dada a seu corpo político. “Transexual é intimada a depor (...)”, o uso do vocábulo “intimada” nesse construção sintática corresponde ao universo jurídico, e diz respeito a fazer notificação de comparecimento por obrigação judicial após suposta realização de crime. O que se nota mais complexo aqui é a continuidade da construção sintática do enunciado que termina com “(...) por crucificação em parada Gay de 2015”. A atriz, portanto, foi obrigada a comparecer em um lugar de respaldo jurídico por encenar a crucificação de Jesus Cristo na parada LGBT de São Paulo, no ano de 2015. Como não bastasse a intimação jurídica por esse ato político, temos, no subtítulo da matéria, os responsáveis pela realização de tal hostilidade, trata-se de uma Associação das Igrejas Evangélicas, a qual moveu uma ação contra a atriz após sua performance político-artística encenando a crucificação.

A defesa de Viviany, materializada pela fala de sua advogada, dizia: "Não houve ato criminoso, não houve escárnio, não houve repúdio a atos religiosos, houve encenação onde ela manifestou em uma representação, as mortes e a violência contra o movimento LGBT", afirmou ao site G1 na referida matéria. No texto, há também um vídeo que, segundo o site, foi postado no Facebook da atriz, em que ela afirma e mostra, através das imagens e som, que foi espancada logo após a parada LGBT em São Paulo, no ano de 2015.

Notamos, aí, um exemplo claro da concretização da palavra autoritária, conceito muito bem desenvolvido por Bakhtin, em que ele diz que:

A palavra autoritária exige de nós o reconhecimento e a assimilação, ela se impõe a nós independentemente do grau de sua persuasão interior no que nos diz respeito; nós já a encontramos unida à autoridade. A palavra autoritária, numa zona mais remota, é organicamente ligada ao passado hierárquico. É, por assim dizer, a palavra dos pais. Ela já foi *reconhecida* no passado. É uma palavra *encontrada de antemão*. Não é preciso selecioná-la entre outras equivalentes. Ela ressoa numa alta esfera, e não na esfera do contato familiar. Sua linguagem é uma linguagem especial (por assim dizer, hierática). Ela pode tornar-se objeto de profanação. Aproxima-se do tabu, do nome que não se pode tomar em vão (BAKHTIN, 2002, p.143).

²⁶ “Transex Viviany Beleboni é intimada a depor por causa de performance.”. <https://elidajeronimo.jusbrasil.com.br/noticias/349163278/transex-viviany-beleboni-e-intimada-a-depor-por-causa-de-performance>

A associação de igrejas evangélicas, portanto, faz uso dessa palavra autoritária para controlar os sentidos, uma vez que ela está, segundo Bakhtin, "organicamente ligada ao passado hierárquico". E configura-se, sobretudo, como uma atitude responsiva e impositiva, já que, no funcionamento de sua ação, não há modos de outrem persuadi-la, de tal maneira que qualquer relação dialógica que não se respalde nas hierarquias ancestrais, não sejam recepcionadas positivamente, ou melhor, não abram caminhos para convencimentos interiores. O passado hierárquico da Igreja foi construindo-se a partir de interesses bem-posicionados, do ponto de vista da demarcação sócio identitária, ou seja, a imagem, a postura, o modelo corporal aceito e propagado se resvala ao padrão eurocêntrico. Logo, romper com esse passado — construído à base de formas e modelos físicos específicos — e com as tradições milenares têm sido uma tarefa muito difícil para os religiosos, assim como para os fiéis que seguem a doutrina de maneira rígida. A religião²⁷ tem, portanto, desenvolvido determinadas condutas no decorrer do tempo que possibilitam julgamentos e hostilização caso suas leis não sejam cumpridas. Desde a simples confissão até mesmo a uma homilia, as práticas de "adestramento" funcionam e desenvolvem-se até os dias de hoje no universo religioso, visto que, em seus formatos, há ritos e dogmas que devem ser seguidos a fim de que tenha uma vida baseada em suas leis. A confissão, por exemplo, se apresenta como uma maneira de visibilizar ou externalizar um pensamento interior, sendo, portanto, até os pensamentos controlados e vigiados.

Já no caso da ação judicial, o propósito se resume ao não direito que a transexual tem em realizar atos performáticos com símbolos cristãos. Essa ação judicial faz parte de um sistema de silenciamento e apagamento dos corpos trans na sociedade. Principalmente quando esses corpos resolvem falar, aparecer ou evidenciar-se em destaque. A atriz foi duramente reprimida por setores religiosos e midiáticos. Em relação à mídia, podemos, aqui, dividi-la em dois segmentos: a mídia social, a supostamente democrática, a que dá liberdade a todos(as) para se pronunciarem por meio de publicações, e a mídia televisiva. Daremos mais atenção aos comportamentos responsivos dessas instituições no tópico 4.5 intitulado "Os efeitos de sentidos e os atos responsivos". Neste tópico, nos ateremos a desenvolver uma análise das respostas dadas tanto à performance da atriz "crucificada" na parada LGBT de São Paulo tratada nesta seção, quanto do desfile da Escola de Samba Mangueira de 2020, tema que será abordado na

²⁷ De acordo com o site "Conceito.de" "O conceito de religião tem origem no termo latim religio e refere-se ao conjunto de crenças ou dogmas relacionados com a divindade. A religião implica sentimentos de veneração e de obediência perante Deus ou os deuses, normas morais para a conduta individual e social e práticas rituais, como a oração e o sacrifício como forma de prestar honra.". Disponível in: <https://conceito.de/religio>

próxima seção. Voltemos à análise dos elementos que compõem a performance. Para isso, observamos a imagem abaixo.

Figura 1 – “Modelo e atriz Viviany Beleboni em ato contra a homofobia na 19ª Parada do Orgulho LGBT na Avenida Paulista”²⁸



Foto: Reuters/Joao Castellano. Fonte: G1²⁹

A performance se realiza em um trio elétrico, que pode ser comparado como um elemento de representação do calvário em que Jesus Cristo foi crucificado. O calvário, segundo a tradição cristã, simboliza o martírio ao qual Jesus Cristo foi submetido, e segundo Dicionário Online de Português³⁰ significa i) “Colina onde foi erguida a cruz de Cristo.” ii) “Representação da cena do Calvário.”. Podemos observar em dois versículos retirados da Bíblia referências ao

²⁸ Descrição disponível em: <https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/06/transexual-e-intimada-depor-por-crucificacao-em-parada-gay-de-2015.html#:~:text=Atriz%20ganhou%20notoriedade%20depois%20de%20desfilar%20'crucificada'%20em%20e vento.&text=A%20atriz%20Viviany%20Beleboni%2C%20de.Paulo%2C%20esclarecimentos%20sobre%20a%20performance.>

²⁹ In: <https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/06/transexual-e-intimada-depor-por-crucificacao-em-parada-gay-de-2015.html#:~:text=Atriz%20ganhou%20notoriedade%20depois%20de%20desfilar%20'crucificada'%20em%20e vento.&text=A%20atriz%20Viviany%20Beleboni%2C%20de.Paulo%2C%20esclarecimentos%20sobre%20a%20performance.>

³⁰ Definição disponível in: <https://www.dicio.com.br/calvario/>

lugar no qual Jesus Cristo foi crucificado — após percorrer o trajeto denominado Via-Crucis³¹ ou Via-Sacra, conhecido também por caminho da cruz — em que aparece a sua designação como Lugar da Caveira, que em Hebraico significa Gólgota. “E, levando-o às costas a sua cruz, saiu para o lugar chamado Caveira, que em hebraico se chama Gólgota, onde o crucificaram, e com ele outros dois, um de cada lado, e Jesus no meio.” (João 19:17,18). Além do mais, o calvário simboliza a gênese da doutrina cristã, já que, na constituição dos seus sentidos, relaciona-se à postura do sacrifício de Cristo em nome da salvação da humanidade. Conseqüentemente, ao concebermos tal memória eclesiástica em torno de tais elementos cristãos, os seguidores dessa doutrina têm dificuldades em aceitar o deslocamento dos símbolos cristãos para setores de identidades pós-modernas³². Em razão disso, não permitem a polifonia de vozes e sentidos com símbolos cristãos, por entender que o pertencimento dessas insígnias deva ser usado com intuito exclusivamente sacrossanto.

O resgate à simbologia cristã do calvário se ressignifica na performance através de um trio elétrico, que, entretanto, não se constrói na mesma perspectiva semântica da definição de calvário, é um espaço de destaque para apresentações artísticas de determinados festejos, ou utilizado como palco para apresentações de variados artefatos, seja político ou até mesmo comercial. O que importa falar sobre o trio elétrico aqui é que ele simboliza um lugar de destaque.

Há, também, no plano de fundo da imagem, um céu azul contornado por nuvens que se aproximam ou se distanciam da parte superior. O céu, como sabemos, tem uma função para algumas religiões muito simbólica, pois representa o lugar onde moram os deuses, um lugar sagrado, um lugar alto onde as divindades habitam. Segundo o Dicionário Online de Português³³, a etimologia da palavra céu vem do latim “caelum, caeles.i” “que significa espaço onde estão os astros”³⁴, definição essa que se aproxima do campo semântico da astronomia.

³¹ Segundo o site da Arquidiocese de Brasília “Etimologicamente a palavra “Via Crucis”, ou Via Sacra, significa em latim “O caminho da Cruz”. A via sacra é um piedoso exercício de prática de oração que comumente se faz durante a quaresma, às sextas feiras, recordando a paixão de Cristo, meditando o sofrimento de Jesus a partir do tribunal de Pilatos até o monte Calvário.”. Disponível in: <https://arqbrasil.com.br/via-sacra-rezada-na-sexta-feira-durante-a-quaresma/#:~:text=A%20via%20sacra%20%C3%A9%20um,%C3%A9%20formado%20por%2014%20esta%C3%A7%C3%B5es.>

³² Segundo Stuart Hall, a identidade pós-moderna refere-se ao processo de descentramento do sujeito. Ver “A identidade cultural na pós-modernidade” (HALL, 2014).

³³ Conceito de *céu* disponível no dicionário de português: [https://www.dicio.com.br/ceu/#:~:text=Etimologia%20\(origem%20da%20palavra%20c%C3%A9u,espa%C3%A7o%20onde%20est%C3%A3o%20os%20astros.](https://www.dicio.com.br/ceu/#:~:text=Etimologia%20(origem%20da%20palavra%20c%C3%A9u,espa%C3%A7o%20onde%20est%C3%A3o%20os%20astros.)

³⁴ Definição também retirada do Dicionário online de Português: [https://www.dicio.com.br/ceu/#:~:text=Etimologia%20\(origem%20da%20palavra%20c%C3%A9u,espa%C3%A7o%20onde%20est%C3%A3o%20os%20astros.](https://www.dicio.com.br/ceu/#:~:text=Etimologia%20(origem%20da%20palavra%20c%C3%A9u,espa%C3%A7o%20onde%20est%C3%A3o%20os%20astros.)

Entretanto, podemos dispor de outras definições³⁵ categóricas, como a do campo do discurso da religiosidade, que define céu como: i) “Sabedoria ou providência divina; Deus: que os céus nos abençoem.”; ii) “Local para onde vão as boas almas: o reino dos Céus.”; iii) Reunião dos anjos, dos santos que fazem parte do Reino de Deus. O céu, portanto, representa nessa imagem, um forte elemento semiótico que resgata de forma dialógica outros saberes e enunciados da Igreja, da tradição cristã e que sedimentam a palavra religiosa monossêmica.

Além dos elementos já citados, podemos observar um outro objeto, um ícone, ou melhor, um símbolo que estampa a representação de um grupo social — referimo-nos à bandeira LGBTQIA+. Essa bandeira é formada por diversas cores, sendo conhecida como as cores do arco-íris. A bandeira surgiu como símbolo do movimento LGBT em 1978 e foi “criada pelo designer Gilbert Baker (1951-2017) por encomenda do político e ativista gay Harvey Milk (1930-1978)”³⁶. A bandeira, portanto, demarca o ato responsivo da atriz em sua performance, como posicionamento, como identidade e como ato político.

A coroa de espinhos, artefato usado na crucificação de Cristo como instrumento de tortura, também compõe o enunciado verbo-visual da performance da atriz. Referenciamos uma passagem bíblica, na qual fala-se sobre a coroa de espinhos posta sobre a cabeça de Jesus “E os soldados, tecendo uma coroa de espinhos, lhe puseram sobre a cabeça, e lhe vestiram roupa de púrpura” (João 19:2). Logo, o uso dessa insígnia pela atriz dialoga com o campo semântico da palavra tortura ou sofrimento.

Na placa onde ficaria o acrônimo “INRI” — em latim, Iesus Nazarenus Rex Iudeum (Jesus Nazareno, Rei dos Judeus) — fixado na cruz³⁷ de Jesus Cristo, Viviany substituiu pelo enunciado “Basta de homofobia com GLBT”. Esse enunciado faz-se evidente por entender-se que há uma violência prévia, ou seja, histórica, destinada às pessoas “GLBT’s”³⁸. O enunciado, como sabemos, e já discutido na seção anterior, define-se, grosso modo, como um movimento

³⁵ O conceito de céu presente no texto advindo do campo religioso também está presente no dicionário online: <https://www.dicionario.info/ceu/>

³⁶ Informação presente no artigo “Mês do Orgulho LGBT: como o arco-íris se tornou a bandeira do movimento”. Escrito por Edison Veiga, em 8 de junho de 2021 no site Brasil de Fato. <https://www.brasildefato.com.br/2021/06/08/como-o-arco-iris-se-tornou-bandeira-lgbt#:~:text=Criada%20pelo%20designer%20Gilbert%20Baker,de%201%C3%A1%20ganhou%20o%20mundo.&text=Em%20sua%20primeira%20vers%C3%A3o%2C%20eram%20oito%20faixas.>

³⁷ Segundo professor e escritor Ari Riboldi, em uma matéria denominada: A Páscoa, símbolos e significados publicada no site Iproweb “Havia, na época, uma prática comum de se colocar em tabuleta, na própria cruz, o motivo da morte do condenado. Contam os evangelistas que alguns escribas não gostaram dos dizeres da tabuleta e foram até Pilatos para pedir que fossem alterados para "Jesus Nazareno, o que se diz rei dos judeus", ao que o representante do Império Romano teria respondido: "O que está escrito, está escrito". E assim permaneceu.” Disponível in: [http://iproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/pwpascoa/default.php?p_secao=14#:~:text=Acima%20do%20corpo%20de%20Jesus,Nazareno%2C%20Rei%20dos%20Judeus\).](http://iproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/pwpascoa/default.php?p_secao=14#:~:text=Acima%20do%20corpo%20de%20Jesus,Nazareno%2C%20Rei%20dos%20Judeus).)

³⁸ GLBT: Gay, Lésbicas, Bissexuais e Transexuais.

interativo caracterizado de elementos sócio-históricos cujos sentidos são previamente contextualizados. E seus efeitos de sentido dependem do tempo e lugar os quais são enunciados, ou melhor, a partir das necessidades comunicativas de sua exotopia, uma vez que esse funcionamento modula a recepção discursiva desses enunciados. Como dito anteriormente, o enunciado aparece sempre a partir de um elo, ou linha imaginária, que liga sentidos outros.

Os elementos semióticos, por sua vez, que compõem a imagem da performance, trazem, também, distintos meios de evidenciar os sentidos nela constituintes. Descrevemos, reiteradamente, o corpo — o qual assemelha-se bastante à figura clássica da iconografia cristã tradicional —, “crucificado” e “ensanguentado”, com a coroa de espinhos — símbolo caro à memória religiosa —, a cruz, a bandeira LGBTQIA+, assim como o céu azul enquanto elementos que compõem e constroem a arquitetura do enunciado verbo-visual. O enunciado, por sua vez, é constituído a partir de todos esses elementos, uma vez que sua caracterização se efetua a partir da referência aos componentes já existentes e demarcados ideologicamente, como a imagem de Cristo e o ícone que representa a bandeira LGBTQIA+. Para Foucault "o enunciado é sempre um acontecimento que nem a língua nem o sentido podem esgotar inteiramente".

Trata-se de um acontecimento estranho, por certo: inicialmente porque está ligado, de um lado, a um gesto de escrita ou à articulação de uma palavra, mas, por outro lado, abre para si mesmo uma existência remanescente no campo de uma memória, ou na materialidade dos manuscritos, dos livros e de qualquer forma de registro; em seguida, porque é único como todo acontecimento, mas está aberto à repetição, à transformação, à reativação; finalmente, porque está ligado não apenas a situações que o provocam, e a consequências por ele ocasionadas, mas, ao mesmo tempo, e segundo uma modalidade inteiramente diferente, a enunciados que o precedem e o seguem (FOUCAULT, 2008, p.31-32)

Compreendemos, portanto, a performance de Viviany Belebony como um enunciado, uma vez que “abre para si mesmo uma existência remanescente no campo de uma memória” (Ibdi., p.31), único enquanto acontecimento, mas aberto à repetição, transformação e refração. Além do mais, provoca uma resposta, uma função de existência, relacionada a outros enunciados que o precedem. Os enunciados, constituídos a partir do signo ideológico refratado, carregam a marca do lugar valorativo na qual a atriz se encontra, sobretudo no que diz respeito à sua identidade.

Esses elementos podem ser lidos a partir de uma perspectiva política, ou seja, podemos compreender, segundo os elementos presentes na imagem, que os sujeitos LGBT's são, na sociedade, submetidos ao martírio. Segundo a Revista Carta Capital “Um LGBT é agredido no

Brasil a cada hora, revelam dados do SUS”³⁹. Na matéria consta ainda a informação de que o Brasil é o país que mais mata transexuais no mundo, dado obtido pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA). Já de acordo com o site da CNN Brasil, “Quase 320 pessoas LGBTI+ morreram por causas violentas no Brasil em 2021, diz entidade.”⁴⁰.

A atriz, nessa performance, se posiciona politicamente sobre a condição histórica de marginalização dada ao seu corpo. Assim como compreendemos, também, a parada LGBT de São Paulo enquanto lugar de enunciação significativo para construção do sentido, uma vez que simboliza a transmutação do discurso religioso para o discurso sobre as identidades de gênero.

Além do mais, representa os sujeitos e as identidades enquanto resultado das relações históricas pelas quais foram submetidas, pois há no entremeio dessas construções, relações dialógicas que as constituem e que são organizadas a partir de fatores históricos e sociais. Por isso temos, nessa perspectiva, um sujeito submetido ao contato de saberes outros, que formata, sutura ou expõe identidades, uma vez que, o sujeito em performance se identifica enquanto uma mulher trans, ou seja, não reconhece seu corpo congênito enquanto parte de sua identidade, e ao representar uma figura religiosa preeminente, como é o caso de Jesus, relaciona os saberes eclesiásticos tradicionais — cujos sentidos são carregados de normalizações, leis e posturas próprias — ao campo semântico da descentralização identitária. Logo, há no entremeio dos efeitos de sentidos dessa performance, relações históricas e discursivas que fazem parte de lugares distintos.

As intencionalidades discursivas inerentes ao enunciado são, portanto, conjugadas às posições políticas, aos movimentos de libertação, às identidades e ao questionamento sobre a hegemonia das religiões em espaços que gerenciam políticas públicas. Por isso, a atriz, em performance, resgata um símbolo cristão com intuito de apresentar seu corpo enquanto um mártir, na tentativa de construir sentidos que se movimentam para o reconhecimento da violência em que seus corpos são subjugados.

O lugar no qual ocorre essa performance artístico-política deu-se em um espaço destinado ao público LGBTQIA+. A parada do Orgulho LGBT de São Paulo acontece desde 1997, tendo sua primeira realização no dia 28 de junho. Esse movimento tem como propósito desenvolver atos políticos, simbólicos e de valorização à cultura LGBT. Logo, encontram-se, nesse lugar, vários discursos dialógicos. Discursos estes que se constituem no entremeio da

³⁹ Ver em: <https://www.cartacapital.com.br/diversidade/um-lgbt-e-agredido-no-brasil-a-cada-hora-revelam-dados-do-sus/>.

⁴⁰ Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/quase-320-pessoas-lgbti-morreram-no-brasil-em-2021-diz-entidade/>.

combinação entre os fatores históricos e fatores políticos contemporâneos. Nessa perspectiva, lemos o lugar de enunciação desses discursos enquanto constituintes no que diz respeito à formação de subjetividades que circulam e molduram temáticas acerca do corpo, sua inscrição no meio social, seus saberes, imposições e aceitações.

O corpo da atriz apresenta-se enquanto um corpo transgressor, um corpo que não faz parte da ordem hegemônica, ou seja, que não faz parte da normatividade. Esse corpo se constitui como tal devido a sua transmutação identitária, pois se trata de um corpo transgênero, o qual passou por uma mudança de identidade relacionada à desidentificação com seu corpo congênito.

Há, nesse processo dialógico de construção de identidades corpóreas, a visão exterior e a visão interior que o sujeito performático atribui a si mesmo. No caso da visão interior, o acabamento estético que ocorre é a partir da visão exterior. Segundo Bakhtin “Eu não posso me arranjar sem um outro, eu não posso me tornar eu mesmo sem um outro; eu tenho de me encontrar num outro para encontrar um outro em mim” (2010, p. 287). A atriz, a partir de sua performance, se caracteriza na figura de Jesus Cristo para simbolizar os sofrimentos que as mulheres trans são submetidas na sociedade. Há, aí, um processo constitutivo dialógico na construção dos sentidos da performance em análise. O outro, neste caso, adequa-se enquanto subsídio ideológico constitutivo.

As identidades, nesse caso, mostram-se multifacetadas, uma vez que o resgate à iconografia cristã dissolve os elementos uniformes que compõem a cultura das identidades de gênero que fazem parte do universo LGBT. Uma vez que dentro do universo discursivo das temáticas de identidade de gênero, a figura religiosa cristã encontra-se em lugar distinto, ou lugares outros que não correspondem à cultura LGBT de maneira geral. Além do mais, não só dissolve a homogeneidade cultural do universo LGBT, como também, se apresenta enquanto enunciado dissidente dos discursos religiosos que condenam seus corpos.

O outro, então, mais uma vez, molda-se na performance da atriz, nesse caso, não mais como um elemento constitutivo de uma identidade de um mártir, mas como um ato responsivo aos ataques que setores religiosos praticam contra pessoas transgêneros. Para ilustrar, podemos citar uma matéria disponível no site TV Jornal que diz o seguinte: “Pastor mobiliza evangélicos contra uso do nome social de menino trans em ambiente escolar; entenda o caso”⁴¹, o subtítulo

⁴¹ Matéria disponível in: <https://tvjornal.ne10.uol.com.br/gospel/2022/06/15020819-pastor-mobiliza-evangelicos-contr-a-uso-de-nome-social-por-menino-trans-em-ambiente-escolar-entenda-o-caso.html#:~:text=H%C3%A1%20tr%C3%AAs%20meses%2C%20o%20filho,um%20pastor%20evang%C3%A9lico%20da%20cidade.>

diz ainda que “Mesmo após solicitação da mãe, escola municipal se recusa a mudar o tratamento com o menino”. O Pastor reside na cidade de Poções – BA e mobilizou evangélicos a irem à Câmara Municipal da cidade, após a vereadora Larissa Laranjeira (PCdoB) apresentar um projeto de lei que reconheça pessoas trans pelo nome social nas escolas.

A performance da atriz, portanto, apresenta-se, também, como um ato responsivo a tais práticas que por ora são corriqueiras na sociedade. O uso da imagem de Cristo traz, nessa perspectiva, uma relação dialógica constitutiva responsiva com a palavra autoritária. Palavra esta que detém os meios de enunciação, ou seja, ecoa com mais facilidade e com mais amplitude. Não só detém, como controla, organiza e seleciona os discursos legítimos, ou melhor, enunciáveis. O uso do elemento constituinte da palavra autoritária religiosa — a saber a iconografia cristã — realiza-se por meio de um processo dialógico, processo este que ressignifica sentidos. Logo, temos uma performance que se constitui enquanto discurso dissidente dos padrões hegemônicos, que trava uma batalha e estabelece, portanto, um lugar de tensão.

Esse contrassenso discursivo se aproxima do que Bakhtin denominou de forças centrífugas, fenômeno que resiste à monologização do discurso, que recusa a dominação e dá espaço para outras vozes existirem. Tal dissidência, que procura fugir de uma centralização verboaxiológica,⁴² existe em contrapartida a uma outra força, a centrípeta. As forças centrípetas são opostas às centrífugas, e buscam a homogeneidade do discurso, são monologizantes. No entanto, Faraco enfatiza:

Ao qualificar as forças centrípetas como monologizantes, é preciso observar que elas não deixam de ser dialógicas: elas também constituem um gesto responsivo no oceano da heteroglossia. Em outras palavras, a atitude discursiva monológica é intrinsecamente dialógica — como, aliás, na concepção do Círculo, todas as manifestações verbais (FARACO, 2009, p. 70).

As vozes de poder que circulam na sociedade buscam o uso desse artifício para que seu domínio se efetive, já que é pelo discurso que o plano de monologização das diferentes vozes sociais ocorre. Além do mais, coloca em evidência as relações dialógicas nas quais os sujeitos se encontram, que o marcam em uma polêmica heterogeneidade, suturados, no caso aqui exposto, a partir de um elo entre o político, religioso e identitário. Por conseguinte, a força homogeneizante da religião é um exemplo evidente dessas vozes de poder, que se fecham em suas doutrinas e não aceitam a diferença.

⁴² Termo tomado emprestado de Faraco (2009) a partir do seu livro “Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin” (p.69).

4.4 O DESFILE DA MANGUEIRA E A CRUCIFICAÇÃO DO JESUS NEGRO

No ano de 2020, em 23 de fevereiro, no Rio de Janeiro, a escola de samba Mangueira abordou a história de Jesus Cristo contada através de corpos marginalizados. A apresentação intitulada “A Verdade Vos Fará Livre”, orquestrada e de autoria do figurinista e carnavalesco Leandro Vieira, levou à passarela representações figurativas de mulheres, jovens negros e LGBT’S enquanto corpos condenados à subversão.

A imagem que circulou nos perfis de várias pessoas nas redes sociais foi a cena de Jesus Cristo sofrendo uma busca pessoal da polícia, juntamente com uma estátua de um jovem negro com cabelo platinado, tatuagem de cruz no pescoço e crivado de balas, que foi crucificado, caracterizando um paralelo com a imagem de Cristo. Nesse caso, a placa tradicional da iconografia cristã, que costuma ter o acrônimo "INRI", foi substituída pela palavra "NEGRO". Esse simulacro representa a identificação do jovem negro com o sofrimento de Cristo e a substituição do termo "INRI" serve para ressaltar a importância da identidade negra na representação de Cristo.

A partir disso, a escola de samba Mangueira despertou olhares curiosos e surpresos sobre as imagens e discursos que apresentou na avenida Marquês de Sapucaí (RJ). Segundo o jornal O Globo, em uma matéria intitulada "Com cenas fortes, Mangueira troca polêmica por reflexão ao apresentar as várias faces de Jesus", a recepção do público apresentou controvérsias em relação a alguns adereços do desfile, como símbolos cristãos que se transfiguravam nos corpos de mulheres, jovens negros e LGBTs. De acordo com O Globo, duas musas que estavam ao lado da rádio expressaram opiniões negativas sobre o desfile, como "Que ridícula. Que falta de respeito com Jesus", disse uma das musas.

Figura 2 – Simulacro da crucificação de um jovem negro realizado pela escola de samba Mangureira



Foto: Fabio Tito. Fonte: G1⁴³.

Os elementos enunciativos que compõem a imagem vão além da dimensão linguístico-verbal. O único enunciado verbal presente na imagem é encontrado na placa que normalmente contém o acrônimo "INRI"⁴⁴ na iconografia da crucificação tradicional de Jesus Cristo. No caso do simulacro produzido pela Mangureira, essa placa foi substituída por "NEGRO". Como mencionado anteriormente, um enunciado se caracteriza como uma situação responsiva, uma vez que sua função principal é a de comunicar, mesmo que essa comunicação ocorra de forma indireta ou sinuosa. Assim, o enunciado sempre aparece conectado a sentidos e ideologias. No caso do enunciado verbal presente na imagem do simulacro cristão, a unidade comunicativa está relacionada ao processo de reconhecimento histórico das identidades dos povos negros.

O termo "NEGRO", afixado na placa, é um enunciado que comunica, determina sentidos, produz efeitos e atos responsivos, uma vez que resgata e referênciava uma etnia social que sofreu e ainda sofre com os anseios do despotismo. Portanto, enquanto uma unidade de comunicação, tal enunciado se caracteriza como concreto e histórico, ou seja, dialógico. Ademais, na direção dos sentidos desse ato responsivo, há um lugar social demarcado. Esse

⁴³ In: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/carnaval/2020/noticia/2020/02/24/mangureira-busca-bicampeonato-com-releitura-critica-da-vida-de-um-jesus-cristo-nascido-no-morro.ghtml>

⁴⁴ Como dito e referenciado anteriormente, INRI significa uma sigla em latim, Iesus Nazarenus Rex Iudeum (Jesus Nazareno, Rei dos Judeus).

lugar social refere-se à identidade do sujeito que tem sua inscrição social baseada na cor de sua pele.

A relação do sujeito com uma identidade demarcada pelo lugar social que ocupa em virtude da cor de sua pele ocorre a partir de um embate entre duas posições socialmente estratificadas. De um lado, encontram-se as pessoas subalternizadas, historicamente colocadas nessas posições devido ao jogo de poder dos mais favorecidos, e de outro, observamos os privilegiados, que controlam e detêm poder sobre os subalternizados. Essas estratificações são decorrentes do sistema político que foi pensado e concretizado no decorrer das relações que inicialmente atribuíram aos corpos a pecha neutralizante da relação senhor x escravizado.

Para além do enunciado verbal que identificamos e descrevemos nos parágrafos anteriores, notamos enunciados não verbais cujos sentidos são tão concretos e históricos quanto os verbais. A priori, podemos descrever a tatuagem da cruz no pescoço do Jesus negro da Mangueira como um elemento simbólico e semiótico que dialoga diretamente com a identidade e cultura dos povos cristãos, independentemente de sua localização geográfica ou origem socioeconômica. A tatuagem, portanto, constitui-se enquanto um discurso, um enunciado dialógico, que faz referência às pessoas que usam desse símbolo como unidade em comum, e pode ser vista como um produto estético massificado pelos sujeitos de diferentes identidades. É importante evitar estereótipos e generalizações sobre pessoas negras ou de periferia, pois a adoção de determinados símbolos não se restringe a grupos específicos, mas pode ser uma escolha individual e pessoal.

A imagem do simulacro do Jesus orquestrado pela Mangueira apresenta diversos elementos simbólicos que buscam provocar reflexão e questionamentos sobre a representação da figura de Jesus e sua relação com a identidade negra. Um desses elementos é o cabelo platinado, que remete à estética valorizada pelos jovens das periferias. Nesse sentido, a imagem do jovem negro crucificado com cabelo platinado pode ser interpretada como uma forma de resistência e afirmação da identidade negra.

É importante destacar que a comunicação não se limita apenas ao âmbito verbal, e sim em toda massa comunicativa, seja ela verbal, visual ou verbo-visual. Nesse sentido, a imagem do simulacro do Jesus orquestrado pela Mangueira funciona como um elo, ou melhor, uma linha imaginária, que constrói relações com outros sujeitos. Dessa forma, a interação entre emissor e receptor é fundamental para a construção de significados na comunicação.

No entanto, a singularidade do ato do simulacro do Jesus negro da Mangueira configura-se enquanto um evento único, pois, entendemos como um ato ético, ou responsivo, ou um ato comunicativo. Todo ato enquanto evento se torna singular devido a sua particularidade

comunicativa, tendo em vista os elementos que o compõem, as intencionalidades discursivas e os efeitos de sentidos, e por isso são, no caso do ato enquanto evento, único.

O corpo crivado de balas faz menção ao genocídio repressivo que o sistema político-militar orchestra contra a juventude negra. Essa referência representa uma relação dialógica constitutiva do discurso apresentado pela Mangueira. Segundo a CNN Brasil, um estudo aponta que negros somam 80% das mortes violentas de jovens no país. A violência direcionada a esses corpos é representada pelo desfile da Mangueira como discurso principal de seu enredo. Nesse jogo discursivo-ideológico, há um posicionamento que se apresenta como um ato responsivo. Esse movimento não só se posiciona, como também atua de forma ativa.

A próxima imagem mostra a ala "Bandido bom é bandido morto", composta por pessoas negras com cruces de madeira nas costas, onde está escrita a frase "Bandido morto". No entanto, não há nenhum elemento que comprove que essas pessoas sejam bandidas. A frase "bandido morto" é apenas um dos muitos elementos que compõem a imagem. Essa frase pode ser facilmente relacionada ao contexto da vida cotidiana, quando lembramos da clássica afirmação "bandido bom é bandido morto" — que nomeia a ala presente na imagem — usada comumente por vozes que se auto-identificam e são identificadas, por alguns, como guardiãs da segurança e do sistema.

O primeiro registro público do uso desta frase ocorreu em 1986, como parte do slogan do candidato ao cargo de Deputado Estadual José Guilherme Godinho, também conhecido como Delegado Sivuca⁴⁵. Desde então, o uso se tornou presente em diversas falas de agentes públicos e militares que defendem o uso da violência para a defesa do Estado e da sociedade.

Portanto, a imagem da ala "Bandido bom é bandido morto" é altamente simbólica e carrega uma forte conotação política. A cruz nas costas dos participantes sugere uma analogia com a crucificação de Jesus Cristo, que foi morto injustamente pelo Estado. Além disso, a frase "bandido morto" é uma clara defesa da violência e do assassinato extrajudicial, que seletivamente atinge a população negra e pobre no Brasil. A imagem, portanto, denuncia a violência policial e o racismo estrutural que perpetua a desigualdade social e racial no país.

Atualmente, entretanto, temos uma atualização da frase "Bandido bom é bandido morto" para "CPF cancelado". Tal atualização se popularizou a partir de um tuíte polêmico do ex-presidente Jair Bolsonaro, que dizia: "LÁZARO: CPF CANCELADO!" (Jair M. Bolsonaro (@jairbolsonaro) June 28, 2021)⁴⁶. Entretanto, a frase é um bordão famoso do apresentador

⁴⁵ Informação presente in: https://www.acessepiui.com.br/ver_coluna2/3480/Quem-criou-o-slogan--bandido-bom-e-bandido-morto-?

⁴⁶ Tuíte ainda disponível através do link: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1409523075708751877>

Sikêra Júnior⁴⁷ e foi usado por Bolsonaro para se referir a Lázaro, homem acusado de matar quatro pessoas integrantes de uma mesma família. Entretanto, essa perspectiva é preocupante, uma vez que ações violentas e homicídios não devem ser incentivados ou justificados, seja por políticos, policiais ou pela população em geral.

Figura 3 – Ala “Bandido bom é bandido morto”.



Foto: Fábio Tito/G1⁴⁸

O valor axiológico e o efeito de significação que pode ser interpretado da frase é a promoção da violência e a efetivação do plano homicida, uma vez que consta apenas a segunda parte do clássico enunciado apresentado no período anterior. Entendemos, por isso, que a ação de dar cabo à vida desses sujeitos já tenha sido realizada, “bandido morto”, plano concluído com sucesso — ou seja, “cpf cancelado”.

Além da frase, há outros elementos semióticos que compõem o enunciado, como os sujeitos que carregam cruces de madeira nas costas. Observa-se que esses sujeitos são pessoas negras, divididas em homens e mulheres, com roupas inusitadas que cobrem seus corpos e mostram apenas seus rostos. Há ainda um segundo elemento verbal, o enunciado "Fé no pai".

⁴⁷ <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2021/06/4934117-bolsonaro-comenta-morte-de-lazaro-cpf-cancelado.html>

⁴⁸ <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/carnaval/2020/noticia/2020/02/24/mangureira-busca-bicampeonato-com-releitura-critica-da-vida-de-um-jesus-cristo-nascido-no-morro.ghtml>

As vestimentas apresentam tonalidades neutras e parecem ser compostas de tecidos baratos, como estopa. A expressão facial dessas pessoas mistura sentimentos paradoxais, de indignação e esperança. A indignação pode ser notada tanto na expressão facial, quanto na frase “bandido morto”; o que ocorre, também, com o sentimento de esperança que pode ser observado nos dois fenômenos sógnicos, na face desses sujeitos e no enunciado “Fé no pai”.

A próxima imagem aborda a imagem de Jesus Cristo refratada no corpo de uma mulher negra. A rainha de bateria do desfile, Evelyn Bastos, não samba no desfile por priorizar a imagem de Jesus Cristo, e assim evitar relacioná-lo à sensualidade. Em uma entrevista ao G1, Leandro Vieira, carnavalesco da escola, diz: “Então, a gente pensou em fazer um Jesus mulher, tapado. Não vai ser um Jesus que samba. Vai ser um Jesus sem a necessidade de sexualizar. Vai ser um Jesus que não samba, porque a gente quer que as pessoas enxerguem Jesus primeiro, independente de gênero.”⁴⁹.

Na imagem tirada por Marcos Serra Lima, publicada na reportagem do G1, podemos observar várias características que fazem resgate aos adereços cristãos, a exemplo da coroa de espinhos, a marca de prego fincado na mão e o sangue em seu corpo que simboliza a crucificação. Além desses enunciados, notamos outros que se misturam aos elementos cristãos, são as correntes e o cocar dourado. As correntes podem ser lidas como uma referência aos mais de 350 anos de escravidão que as pessoas negras foram submetidas no Brasil⁵⁰; o cocar dourado, por sua vez, simboliza os povos indígenas. A cor dourada chama a atenção por lembrar a auréola — um anel luminoso que cinge a cabeça de personagens sagrados.

⁴⁹ Matéria intitulada: “Evelyn Bastos é face mulher de Cristo na Mangueira: 'Um Jesus mulher, tapado e que não samba’”. Por Eliane dos Santos e Mateus Almeida, G1 Rio 23/02/2020, 23h34. Disponível in: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/carnaval/2020/noticia/2020/02/23/evelyn-bastos-usa-fantasia-inspirada-em-jesus-cristo-no-desfile-da-mangueira.ghtml>

⁵⁰ A escravização de pessoas negras foi um processo violento que aconteceu em vários países e pode ser percebido até os dias de hoje. Ler matéria do Correio Braziliense “130 anos após abolição, população negra ainda sofre com a desigualdade”. Por Otávio Augusto, Gabriela Vinhal postado em 13/05/2018 08:00. In: <https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/brasil/2018/05/13/interna-brasil.680301/130-anos-apos-abolicao-populacao-negra-ainda-sofre-com-a-desigualdade.shtml>.

Figura 4 – “Evelyn Bastos, rainha da Mangueira, vira à frente da bateria como uma representação de Cristo”⁵¹.



Foto: Marcos Serra Lima/G1

Além da figuração de Jesus Cristo refratado no corpo de uma mulher negra, a imagem apresenta outros elementos que merecem destaque, como a presença dos soldados romanos retratados pela bateria da escola de samba no plano de fundo, atrás da rainha de bateria. Com uma fantasia de tons escuros, máscaras de caveira e capacetes que remetem aos usados pelo exército romano, denominados gáleas, a ala intitulada "Brutalidade romana" da escola de samba Mangueira retrata de forma sombria a conduta violenta desse exército, que era conhecido por suas táticas brutais e repressão contra povos subjugados. A figuração dos soldados romanos, em contraste com a imagem de Jesus Cristo na figura da mulher negra, evidencia a tensão entre opressão e resistência, que é uma temática presente na história do carnaval e na luta do povo negro por sua liberdade e direitos.

O enunciado subsequente apresenta uma refração de Jesus Cristo que é retratada de forma violenta por figuras que representam a polícia militar. Na imagem, dois policiais seguram cassetetes nas mãos e iniciam a ação de agressão, que é apenas sugerida e não se efetiva na cena fotografada. A composição da imagem é marcada por elementos semióticos e verbo-visuais que evidenciam o gesto de agressão em seu início, mas que não mostram sua efetivação.

⁵¹ <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/carnaval/2020/noticia/2020/02/24/mangueira-busca-bicampeonato-com-releitura-critica-da-vida-de-um-jesus-cristo-nascido-no-morro.ghtml>

Figura 5 – “Comissão de frente da Mangueira mostrou Jesus em baile funk e sendo agredido pela polícia”⁵².



Foto: Marcelo Brandt/G1

No entanto, o ator que representa Jesus Cristo não demonstra saber o que está prestes a acontecer. Ele usa tênis modelo "Converse" colorido em verde e rosa, que são as cores da escola de samba Mangueira. Com os braços abertos em direção ao público que assiste ao desfile no Sambódromo da Marquês de Sapucaí, ele é confrontado pelo gesto de violência dos policiais que são refratados no desfile. O uso do calçado "Converse" colorido em verde e rosa pelo ator que interpreta Jesus Cristo é um elemento semiótico que remete às cores da escola de samba Mangueira e pode ser interpretado como uma forma de homenagear a agremiação. O gesto de braços abertos do personagem bíblico é uma referência à sua crucificação, simbolizando o sacrifício que ele fez pela humanidade. A violência policial representada na imagem é uma crítica social que aborda a brutalidade policial contra grupos vulneráveis e marginalizados, como os negros e as minorias. A figura de Jesus Cristo refratada na ação policial é uma representação simbólica da violência e da injustiça sofrida por esses grupos.

Mas o corpo também está diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias,

⁵² <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/carnaval/2020/noticia/2020/02/24/mangueira-busca-bicampeonato-com-releitura-critica-da-vida-de-um-jesus-cristo-nascido-no-morro.ghtml>

exigem-lhe sinais. Este investimento político do corpo está ligado, segundo relações complexas e recíprocas, à sua utilização econômica; é, numa boa proporção, como força de produção que o corpo é investido por relações de poder e de dominação; mas em compensação sua constituição como força de trabalho só é possível se ele está preso num sistema de sujeição (onde a necessidade é também um instrumento político cuidadosamente organizado, calculado e utilizado); o corpo só se torna força útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso (FOUCAULT, 1987, p. 29).

Foucault, no que lhe concerne, lê o corpo enquanto um espaço de utilização econômica, ou seja, o corpo só se torna útil se for rentável, se tiver algum valor no complexo sistema das relações de poder. Por isso, caso esse corpo não desenvolva, na sociedade, um valor simbólico, de sujeição, útil economicamente ou até mesmo submisso às forças de dominação, esse mesmo corpo será supliciado. A refração do Jesus Cristo que vemos na imagem pode ser lida como um exemplo de corpo martirizado, que, segundo as regras de organização, não seguiu o modelo de produção econômica nem submissão, e por esta razão, condenado ao suplício.

Logo, as imagens que circularam nas redes, que ocasionaram diversos efeitos de sentidos, podem, a princípio, serem compreendidas a partir das intencionalidades que a constituem. Ou de outro modo, a partir de suas condições de existência, nos termos foucaultiano, já que Foucault não trabalha com o conceito de intencionalidades. O processo de referenciação, a relação constitutiva dialógica e os enunciados interpostos são processos que ocorrem no entremeio da alteridade, da relação com o outro. Seus efeitos de significação sendo corrompidos, ou melhor, desviados do sentido real do enunciado, podem configurar uma luta pelo próprio sentido. Há uma arena, em que o embate pelo sentido se torna a maior luta realizada pelos grupos enunciadore e controladore de discursore. Por conseguinte, analisaremos, na próxima seção, os efeitos e os atos responsivos das imagens descritas nos tópicos anteriores.

4.5 OS EFEITOS DE SENTIDOS E OS ATOS RESPONSIVOS

A performance de Viviany Belebony apresenta uma relação dialógica transgressora, ao encenar Jesus Cristo, em uma parada do orgulho LGBT, sendo uma travesti. Existem vários discursore, saberes e posições subjetivase nesta performance, pois Viviany está em uma parada do orgulho LGBT, exercendo uma performance, através de um discurso político, atravessado pelo discurso religioso, com posições de gênero e sexualidade. No entanto, ao realizar uma pesquisa nas redes sociais ou em sites de buscas, percebe-se uma parcela de sujeitos exercendo uma mesma opinião acerca desta performance. Opiniões relacionadas à negação de sua performance, de seu enunciado e seu discurso, muitas vezes mascarados — ou escancarados

mesmo — de violência. Observamos tal consenso a partir de uma pesquisa realizada na internet com leituras de comentários em sites de jornais, blogs e, principalmente, no Facebook.

Se a performance não apresenta deboche da imagem de Cristo, por que tanta gente entendeu assim? Marcos Feliciano⁵³ pastor e deputado federal pelo Partido Social Cristão (PSC), caracterizou a performance como “Imagens que chocam, agriem e machucam”, seguido de algumas perguntas tendenciosas a fim de propor um discurso de repulsa sobre a performance. Por conseguinte, essas vozes se sustentam na lógica da palavra monológica, em que lutam para combater a dissidência; tal palavra recebe o epíteto, também, de autoritária. Além disso, essas vozes são lançadas a partir dos lugares que planejam orientar os sentidos, tais lugares cintilam suas vozes a fim de que o contrassenso seja desestabilizado.

Figura 6 – Postagem de Marcos Feliciano sobre a performance de Viviany Belebony em ato contra a homofobia na 19ª Parada do Orgulho LGBT na Avenida Paulista.



Fonte: Facebook, 2015.

⁵³ Marcos Feliciano é um pastor, líder religioso, figura pública na política brasileira e “Criador e líder da Igreja Assembleia de Deus Catedral do Avivamento” trecho em aspas retirado do site Congresso em Foco, escrito por Edson Sardinha. Disponível in: <https://congressoemfoco.uol.com.br/projeto-bula/reportagem/quem-e-o-pastor-marco-feliciano/>

A postagem de Marcos Feliciano se constitui a partir de vários enunciados interrogativos precedidos de uma assertiva intencional. Como dito anteriormente, ele caracteriza a performance a partir da imagem como algo chocante, que agride e machuca. Ele usa “imagens” no plural, entretanto, em sua postagem, consta apenas uma imagem. Tal uso pode ter efeito nos enunciados interrogativos que se apresentam no desenvolvimento de sua postagem. Antes ele pergunta “Isto pode?”, tal interrogativa se apresenta na sequência do que chamamos anteriormente de assertiva intencional e por isso entendemos que o que não pode é: chocar, agredir e machucar. Tal recurso estilístico, utilizado pelo pastor, pode ser lido como uma função de ludibriar os efeitos de sentidos da performance, ou seja, de enganar, a partir de sua doutrina religiosa, seguidores que podem exercer e disseminar o mesmo posicionamento.

Já o enunciado seguinte configura, também, uma assertiva, em que diz “É liberdade de expressão, dizem eles”, a partir disso, nos questionamos o que entendemos por liberdade de expressão? E depois de uma pesquisa nos sites de busca, encontramos a definição na página do Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios que diz que

A liberdade de expressão está ligada ao direito de manifestação do pensamento, possibilidade do indivíduo emitir suas opiniões e ideias ou expressar atividades intelectuais, artísticas, científicas e de comunicação, sem interferência ou eventual retaliação do governo. O artigo 19 da Declaração Universal dos Direitos Humanos define esse direito como a liberdade de emitir opiniões, ter acesso e transmitir informações e ideias, por qualquer meio de comunicação (ASC, 2021).⁵⁴

A sequência de interrogações, por exemplo, não faz parte da performance, e foi entremeadada como se tivesse algum tipo de relação, já que, em construção enunciativa, ele atribui à performance outros elementos que não fizeram parte dela, constituindo, assim, seu discurso não só como dissidente, mas como enganador, mentiroso e artiloso. As interrogações são: “Debochar da fé na porta denuda (SIC) igreja pode?”; “Colocar Jesus num beijo gay pode?”; “Enfiar um crucifixo no anus (SIC) pode?”; “Despedaçar símbolos religiosos pode?”; “Usar símbolos católicos como tapa sexo pode?” e encerra com “Dizer que sou contra tudo isso NÃO PODE? Sou intolerante né?”.

A sequência de interrogações desenvolvidas no texto da publicação do pastor Marcos Feliciano não teve relação nenhuma com a performance de Viviany Belebani. Logo, o posicionamento axiológico que tal sujeito apresenta tem como função converter os sentidos do

⁵⁴ Disponível in: <https://www.tjdft.jus.br/institucional/imprensa/campanhas-e-produtos/direito-facil/educacao-semanal/liberdade-de-imprensa-x-liberdade-de-expressao#:~:text=A%20liberdade%20de%20express%C3%A3o%20est%C3%A1,ou%20eventual%20retalia%C3%A7%C3%A3o%20do%20governo.>

enunciado da performance, com intuito de formar opiniões contrárias ao ato político realizado pela atriz. Esse sujeito estabelece, portanto, um embate ideológico, em uma arena de combate, em que o pertencimento pelo sentido relacionado à cristandade está em jogo.

Esse posicionamento — do Pastor e Deputado Federal Marcos Feliciano, citado no parágrafo anterior — ocasiona discursos de ódio e se constrói no embate violento. Já que não é difícil ouvirmos casos em que transexuais foram assassinadas, agredidas ou hostilizadas em público.⁵⁵ O posicionamento do pastor, assim como das demais figuras públicas do governo, como ministro General Luís Eduardo Ramos⁵⁶, a ministra Damares⁵⁷, configura-se como um posicionamento responsável e responsivo sobre uma performance que não agrega nenhum valor profano à imagem de Jesus Cristo. E mesmo assim foi entendido como um ato promíscuo, relacionado a outros acontecimentos, com sentidos convertidos e induzidos à hostilização.

Em uma reportagem, na revista Istoé, há a informação de que o desfile da Mangueira chamou a atenção de forma negativa dos integrantes do alto escalão do governo federal, assim como o presidente da república, Jair Messias Bolsonaro, que comentou publicamente suas insatisfações perante o tema abordado pela escola de samba.

⁵⁵ A assertiva sobre a hostilização pela qual sofre as transsexuais foi empregada com intuito de pensarmos tal hostilização como resultado de posturas públicas cujos discursos se valem do ódio.

⁵⁶ Cujas postagens aparecem nas páginas seguintes.

⁵⁷ Damares, a ministra que encabeçava o ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos — ministério criado no governo Bolsonaro — também foi uma das figuras que se posicionou de maneira oposta aos eventos onde pessoas marginalizadas representam a figura de Cristo, sua fala também é descrita nas páginas seguintes.

Figura 7 – Postagem do General Luiz Ramos no twitter sobre o desfile da Mangueira



Fonte: Twitter, 25/02/2020.

Um dos que fizeram postagens públicas sobre o tema foi o general do Exército Brasileiro, Luiz Eduardo Ramos⁵⁸, que na época era ministro-chefe da Secretaria de Governo, que disse no seu Twitter a seguinte mensagem: *Sou defensor da liberdade de expressão, valor importante na Democracia!! Mas como Cristão não creio ser razoável usar a figura de Jesus, filho de Deus da forma que a escola de samba Mangueira fez!! Independente dos que acreditam ou não, respeitem os Católicos e Cristãos!!*

Mais uma vez, observamos o uso do termo “liberdade de expressão” como resposta às performances de encenação de Jesus Cristo, definindo como “valor importante na democracia”, entretanto, o ministro esquece que a encenação artística representa exatamente o conceito de

⁵⁸ Luiz Eduardo Ramos é um General do Exército e atualmente ministro de Estado Chefe da Secretaria-Geral da Presidência da República, não há declarações públicas em sites ou redes sociais sobre sua religião, entretanto, segundo o twitter que está no corpo do texto, identifica-se como cristão.

liberdade de expressão. Prossegue ainda com o enunciado “Mas como Cristão não creio ser razoável usar a figura de Jesus, filho de Deus da forma que a escola de samba Mangueira fez!!” O ministro primeiramente se coloca enquanto cristão para legitimar o valor axiológico do seu discurso, sendo, portanto, por ser cristão, que não credita razão na encenação de Cristo feita pela Mangueira. E por último, pede respeito aos católicos e cristãos, as pessoas acreditando ou não nas doutrinas religiosas citadas.

Segundo matéria do site da Carta Capital, em uma matéria intitulada “Na ONU, Damares denuncia ataques à fé cristã durante o carnaval”⁵⁹ e em que no subtítulo diz ainda que “No Conselho de Direitos Humanos, Ministra disse que serão promovidas campanhas de conscientização para proteger objetos religiosos e a fé”, a ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damares Alves⁶⁰, criticou a escola de samba ao dizer: *Fica aqui nosso manifesto, quando, em nome da arte, em nome da liberdade de expressão estamos vendo objetos de culto da fé cristã sendo de uma forma vil ridicularizados no Brasil.*

O uso do termo “liberdade de expressão” se torna, mais uma vez, um recurso retórico usado pelo discurso contraproducente dos sujeitos opositores. Além disso, destacamos o título da matéria da Carta Capital, em que diz que Damares, na ONU⁶¹, denuncia ataques à fé cristã no carnaval. O uso do lugar de poder produz um valor hegemônico para o sentido no qual Damares intencionalmente enunciou. Uma vez que, ainda diz que promoverá “campanhas de conscientização para proteger objetos religiosos e a fé”, nesse sentido, entendemos o lugar de embate com mais facilidade, pois há, no entremeio desse diálogo, uma disputa pelo sentido a partir do signo ideológico. Volóchinov diz

Contudo, assim como Janus, qualquer signo ideológico tem duas faces. Qualquer xingamento vivo pode se tornar um elogio, qualquer verdade viva deve inevitavelmente soar para muitos como uma grande mentira. Essa dialética interna do signo revela-se na sua totalidade apenas em épocas de crises sociais e de mudanças revolucionárias. Em condições normais da vida social, essa contradição contida em todo signo ideológico é incapaz de revelar-se em absoluto, pois na ideologia dominante o signo ideológico é sempre um pouco reacionário, em uma espécie de tentativa de estabilizar o momento anterior do fluxo dialético da formação social, ou seja, de enfatizar a verdade de ontem como se fosse a verdade de hoje. Isso determina a particularidade do signo ideológico de refratar e distorcer a realidade dentro dos limites da ideologia dominante (VOLÓCHINOV, 2018, p.113-114)

⁵⁹ Disponível in: <https://www.cartacapital.com.br/politica/na-onu-damares-diz-que-carnaval-afronta-a-fe-crista/>

⁶⁰ Damares Alves é uma advogada, evangélica, pastora e figura pública na política brasileira, tal atribuição deu-se devido ao cargo de ministra do ministério “Da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos” criado no governo Bolsonaro, exercendo o cargo no período de 2019 a 2022 segundo decreto do Diário Oficial da União Publicado pelo Presidente Jair Messias Bolsonaro em: 31/03/2022 | Edição: 62 | Seção: 2 | Página: 2. Disponível in: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/decretos-de-30-de-marco-de-2022-389901734>

⁶¹ Organização das Nações Unidas

Observemos, com atenção, o trecho no qual Volóchinov (2018) diz que a função dialética do signo ideológico aparece em sua totalidade a partir de crises sociais ou mudanças revolucionárias. E que na disputa pelo sentido, a ideologia dominante refrata e distorce a realidade dentro dos seus limites. Com isso, podemos identificar que as falas dos atos responsivos, assim como os efeitos de sentidos, são processos e enunciados concretos inscritos historicamente com intuito de construir uma arena de embate, em que a face dominante busca sempre prevalecer sobre a face dominada ou subalternizada.

Entendemos os posicionamentos axiológicos das figuras públicas, nos casos aqui tratados, enquanto atos de tom valorativo, cujo principal intuito é galvanizar os sentidos de enunciados às condições sócio-históricas que lhes são pertinentes, já que, tal prática, conduzem-nos aos lugares de destaque e poder. Logo, renunciar às posições eurocêntricas que delineiam a imagem de Cristo se mostra aqui como um ato de resistência das vozes subalternizadas, cuja história se presentifica de maneira reinventada, em que tais sujeitos devem ter o direito de falar e poder falar, seja através da linguagem verbal ou verbo-visual de domínio público, sem que haja forças centrípetas que os proíbam, sem que seus corpos sejam, também, submetidos ao processo de docilização e controle.

Finalizamos esta seção com o entendimento de que são necessárias leituras atenciosas e honestas sobre os diferentes enunciados que enredam o tecido social. Enunciados estes que são constituídos de díspares lugares valorativos e que, por sua vez, constroem os posicionamentos axiológicos das vozes sociais que engendram o fenômeno complexo do embate, que ocorre numa “arena”, cujo domínio pelo sentido do signo se faz base fundamental para sua existência antagônica.

5 CONCLUSÕES

De que adiantavam aqueles gritos se mensageiros mais velozes, mais ativos, montavam melhor o vento, corrompendo os fios da atmosfera? Meu sono, quando maduro, seria colhido com a volúpia religiosa com que se colhe um pomo. E me lembrei que a gente sempre ouvia nos sermões do pai que os olhos são a candeia do corpo. E, se eles eram bons, é porque o corpo tinha luz. E se os olhos não eram limpos é que eles revelavam um corpo tenebroso.

Raduan Nassar

Os efeitos conclusivos sobre esta pesquisa nos levam a caminhos sinuosos, uma vez que não há possibilidade de totalizar-se um trabalho qualitativo tão subjetivo como este. Na tentativa de elucidar alguns impasses que os discursos, em suas teias de poderes, nos enredam, preocupamo-nos em desfiar os subentendidos e as intencionalidades enunciativas. A princípio, essa foi a tarefa central neste trabalho. No entanto, o aprofundamento que demos a questões como as de refrações de identidades, alteridades constitutivas, e do próprio corpo enquanto espaço discursivo, tornou o trabalho muito mais profícuo.

Em decorrência dessa discussão, trouxemos o debate sobre a refração da iconografia cristã realizada por corpos subalternizados; tal refração — a exemplo dos eventos discursivos representados no material verbo-visual apresentado no desenvolvimento do trabalho — ocorreu com certa rejeição por parte de algumas pessoas da sociedade. Pessoas, que coincidentemente — ou não — fazem parte de um mesmo estrato social, seja de agremiações políticas conservadoras, seja de setores religiosos ortodoxos. Esta rejeição foi o principal motivo pelo qual partiu o interesse em pesquisarmos estas imagens, e a partir disso, se questionar: por quê? Ao tentarmos responder esta pergunta debruçamo-nos sobre a história da iconografia, seus valores e a importância de tal insígnia para públicos religiosos. No entanto, o que nos incomodava era o fato de os discursos não ferirem nenhum dos preceitos cristãos, e ainda assim, serem compreendidos como um ato profano. E foi para tentar desmistificar, identificar e aclarar tais posicionamentos, que resolvemos desenvolver este trabalho nos modos como ocorreu.

O trabalho foi desenhado a partir de uma *rizomática* construção teórico-metodológica, em que os postulados do Círculo bakhtiniano e do aparato filosófico foucaultiano serviram para nos direcionar em abordagem translinear, sem apego às cátedras epistemológicas, com interesse em deixar o objeto falar por si e magnetizar os conceitos que mais se aproximam. Por isso, iniciamos o trabalho com o entendimento da língua e da linguagem dentro de uma perspectiva alteritária. logo, recorremos aos teóricos da Análise Dialógica do Discurso, nas figuras de Mikhail Bakhtin e Valetin Volóchinov, conjugada à compreensão subversiva de discurso, advinda do pensamento de Michel Foucault. O filósofo francês foi importante para fazermos

uma leitura descentrada do *corpus* da pesquisa, a partir dos seus conceitos de enunciado, sujeito e discurso.

A abordagem de um enunciado entrelaçado e constituído, a partir de outros enunciados, apesar de único enquanto evento, foi essencial para revestir ao objeto proposto para análise, a ideia de refração, a saber: a iconografia cristã sob o olhar das vozes subalternizadas, no que se refere à performance da atriz travesti Viviany Belebony e ao desfile da escola de samba Mangueira, no ano de 2020. Tal abordagem foi necessária, também, para compreendermos os atos responsivos desses eventos enunciativos, como as posições axiológicas de políticos e figuras religiosas proeminentes.

Entendemos, portanto, que essas figuras — políticos e religiosos, a exemplo das vozes institucionais já citadas na introdução e na análise do trabalho que ecoaram seus discursos com intuito de negar e condenar a expressão artística dos sujeitos subalternizados — se dispuseram de seus lugares valorativos, de suas posições ideológicas para atrair forças centrípetas aos discursos de refração da iconografia cristã por povos subalternizados.

Posteriormente, o objeto exigiu de nós o levantamento de questões referentes à linguagem não-verbal, por uma comunicação verbo-visual, em que o corpo se fez estandarte. O corpo, portanto, tomou posse de sua função enquanto enunciado, e nisso, resolveu falar através de seu material pictórico, em outras palavras, por meio de iconografias. Tanto Foucault quanto Bakhtin levantaram questionamentos importantes no tratamento dado à compreensão do corpo acerca do seu funcionamento em lugares públicos. O corpo carnavalesco, estandardizado por forças centrífugas, através de um grito uníssono em praça pública, nos trouxe a ideia de dispersão constitutiva. Já o corpo docilizado, submisso às leis, investido sobre si condutas oficializadas, nos fez pensar no tratamento político aplicado às estratégias discursivas de homogeneização. Essa segunda concepção de corpo parte da filosofia foucaultiana, e, assim como a primeira, ela também prevê o sistema de dispersão, ou melhor, de descontinuidade.

Além disso, procuramos nos posicionarmos numa perspectiva do ato responsável, em que não há alibi no existir. Logo, todo caráter enunciativo advém de um posicionamento, por isso não há neutralidade, existir é posicionar-se, é dizer algo, é, além de tudo, estar inscrito numa ordem discursiva que nos sentencia, nos desperta e tira-nos do lugar de imparcialidade que por ora nos parece mais confortável.

Desse modo, entendemos como importante a abordagem qualitativa nos trabalhos acadêmicos, a fim de que haja possibilidades de sanar mal-entendidos que ocasionam discursos de ódio em relação a pessoas subalternizadas. O desenvolvimento intelectual e crítico não pode ser um atributo de poucos, e, sim, da grande massa que forma o tecido social, para que não se

formem sujeitos alienados em suas doutrinas religiosas e crenças políticas. Por isso, este trabalho constitui-se como necessário para a comunidade acadêmica e social, de maneira geral.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEM, Giorgio. O que é um dispositivo? In: *Outra Travessia*. Florianópolis. Editora UFSC, 2005. p.9-15.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. Maria Ermantina Galvão; rev. trad. Marina Appenzeller. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BAKHTIN, M. *A cultura popular na idade média: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec, 1999.
- BAKHTIN, M. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. Tradução Aurora Fornoni Bernadini et al, - 5 ed. - São Paulo: Editora Hucitec Annablume, 2002.
- BENJAMIN, W. *A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica*. In: ADORNO, T. W. et al. Teoria da cultura de massa. 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, p.207-40.
- BORGES, Jorge Luis, 1899-1986. *O outro, o mesmo*. Obras completas de Jorge Luis Borges, volume 2 / São Paulo: Globo, 2000.
- BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005.
- BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin, Dialogismo e Construção do Sentido*. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1997.
- BRAIT, B. & MELO, R. Enunciado/ enunciado concreto/ enunciação. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 37-60.
- BRAIT, B. *Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica*. Bakhtiniana, São Paulo, 8 (2): 43-66, Jul./Dez. 2013. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/16568/12909> Acesso em: 03 abr. 2022.
- CORBIN, A.; VIGARELLO, G.; COURTINE, J.-J. *Histoire de la virilité*. Paris: Seuil, 2011. v.3.
- COURTINE, J.-J. *Decifrar o corpo: pensar com Foucault*/ tradução de Francisco Morás. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- COURTINE, J.-J. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. Tradução de Christina de Campos Velho Birck et al. São Carlos: EDUFSCAR, 2009.
- DELEUZE, Gilles. *¿Que és un dispositivo?* In: Michel Foucault, filósofo. Barcelona: Gedisa, 1990, pp. 155-161. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. Disponível em <http://bit.ly/3rkqH3E>.
- DELEUZE, Gilles. *O mistério de Ariana*. Ed Vega - Passagens. Lisboa, 1996.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. 2. ed., - São Paulo: Ática, 2011.

FOUCAULT, Michel, 1926-1984. *O corpo utópico, as heterotopias*. Posfácio de Daniel Defert [tradução Salma Tannus Muchail]. - 1ª ed., São Paulo Edições, 2013.

FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos*. Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise. MOTTA, Manoel Barros da (Org.). Tradução de Vera Lúcia Avelar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999. v. 1.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves, -7ed. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In: Hubert L. Dreyfus e Paul Rabinow. MICHEL FOUCAULT. *Uma Trajetória Filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica*. 2º. Edição Revista. Tradução de Vera Portocarrero e Gilda Gomes Carneiro. Introdução: Tradução por Antonio Cavalcanti Maia. Revisão técnica de Vera Portocarrero. Coleção Biblioteca de Filosofia. Coordenação editorial: Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

G1. Mangueira busca bicampeonato com releitura crítica da vida de um Jesus Cristo nascido no morro. 24/02/2020 01h05. Atualizado há 2 anos. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/carnaval/2020/noticia/2020/02/24/mangueira-busca-bicampeonato-com-releitura-critica-da-vida-de-um-jesus-cristo-nascido-no-morro.ghtml> Acesso em: 10 set. 2022.

KOGAWA, João. *et al. Intermedialidade e intericonicidade: um diálogo possível?* Bakhtiniana, São Paulo, 17 (1): 98-115, jan./março 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bak/a/yfYGTKNdJkFTkZq6JqY4Pxj/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 02 jul. 2022.

MUELLER, B. G. *A palavra religiosa como uma variante da 'palavra autoritária' em Bakhtin*. Bakhtiniana, São Paulo, 12 (1): 91-112, Jan./Abril 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bak/a/f8rhLSwXqCxRKVNSgsTrZdy/?lang=pt&format=pdf> Acesso em: 12 jun. 2022.

PEREIRA, S. V. M; CAVALCANTI [Orgs.]. *Diálogos em Verbetes. Coletânea Verbetes. noções e conceitos da Teoria Dialógica da Linguagem*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. 172p.

PINTO, Joana Plaza. Pragmática. In: MUSSALIN, Fernanda & Anna Christina BENTES (orgs.) *Introdução à Lingüística: Domínios e Fronteiras*. Volumes 2. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

VOLÓCHINOV, Valentin, 1895-1936. *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas/Valentin Volóchinov; organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grilo e Ekaterina Vólkova Américo - 1º ed., São Paulo: Editora 34, 2019*

VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem/ Valentin Volóchinov; tradução, notas e glossário*

de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo; ensaio introdutório de Sheila Grillo - São Paulo: Editora 34, 2018 (2ª Edição).

SPIVAK, G. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

SWARTWOOD HOUSE, A. *Como Jesus Cristo passou a ser representado como um europeu branco*. Revista Galileu. Tradução: Revista Galileu, 2020. In: <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/Historia/noticia/2020/08/como-jesus-cristo-passou-ser-representado-como-um-europeu-branco.html>. Acesso em: 12 set. 2022.